

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO EM
CONTEXTO INDIGENA INTERCULTURAL
MESTRADO PROFISSIONAL**

**O ENSINO DA LÍNGUA APIAKÁ AOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

BARRA DO BUGRES-MT

2023

CRISTINA LEITE TUKUMÃ

**O ENSINO DA LÍNGUA APIAKÁ AOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação *stricto sensu* em ensino em contexto indígena intercultural (PPGECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Ensino em contexto Indígena Intercultural PPGECII – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT para obtenção do título de Mestra em Educação Linha de Pesquisa: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria Aparecida Rezende

BARRA DO BUGRES-MT

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

T916o	TUKUMÃ, Cristina Leite. O Ensino da Língua Apiaká aos Alunos do Ensino Fundamental / Cristina Leite Tukumã – Barra do Bugres, 2024. 76 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim) Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2024. Orientador: Profa. Dra. Maria Aparecida Rezende 1. Língua Ancestral Apiaká. 2. Ensino. 3. Cantos. 4. Comunidade Mayrob. 5. Educação Escolar.. I. Cristina Leite Tukumã. II. O Ensino da Língua Apiaká aos Alunos do Ensino Fundamental: . CDU 376.74(=81/=82)
-------	--

CRISTINA LEITE TUKUMÃ

**O ENSINO DA LÍNGUA APIAKÁ AOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado aprovada no
Programa de Programa de pós-graduação
stricto sensu em ensino em contexto
indígena intercultural da Universidade
do Estado de Mato Grosso, para
obtenção do título de Mestre em Ensino.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Aparecida Rezende (Orientadora – PPGECEII/UFMT)

Profa. Dra. Águeda Aparecida da Cruz Borges – UFMT

Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz – UNEMAT-PPGECEII

Lucimar Luísa Ferreira – UNEMAT-PPGECEII

APROVADA EM: __30__ / __11__ / __2023__.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aos meus alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, que não mediram seus esforços para me ajudar nos trabalhos realizados. Sempre estavam dispostos a colaborar comigo. Dedico também esse estudo ao meu neto e as minhas netas e todos da comunidade *Mayrob* e da Escola Leonardo Crixí Apiaká.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, as minhas filhas (os), netas e netinho e aos meus familiares.

Ao Cacique Evaldo *Morimã* e às lideranças indígenas do Povo Apiaká da Comunidade *Mayrob*, que me deram carta de confiança para ser professora nesta Escola.

A direção da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká. Edilson Crixí Morimã.

Agradeço em especial à Professora Maria Aparecida Rezende, por ter disponibilizado seu precioso tempo na medida em que precisei, colaborando na orientação e correção deste trabalho, fazendo a diferença da qualidade deste trabalho.

Deixo meu agradecimento à Instituição UNEMAT e a todos os professores que durante todas as etapas fizeram orientações do processo da produção do meu trabalho.

Ao meu genro/sobrinho Clenildo Crixí Sabanês que sempre estava me ajudando nos momentos mais difíceis da tecnologia. O meu genro Elivan Krepu que me ajudou nos cantos da língua materna Apiaká.

Agradeço também as professoras: Waldineia, Monica e Lori que sempre estão me dando apoio.

Ao meu sobrinho Romildo que sempre está me apoiando.

(Deixo meu agradecimento muito especial ao senhor Pedrinho Kamassuri (*In memória*). Se não fosse ele eu não estaria realizando esse trabalho muito importante para mim e para os alunos.

Agradeço o senhor Rainon Dacê da Aldeia Pontal Isolado por colaborar comigo nas explicações de alguns cantos.

Por fim, agradeço em especial à Banca Examinadora, aqui apresentadas pelas professoras: Profa. Dra. Águeda Aparecida da Cruz Borges – UFMT; Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz – UNEMAT-PPGECII; Lucimar Luísa Ferreira – UNEMAT-PPGECII, todas elas contribuíram para o sucesso e a beleza deste texto. Nossa gratidão em meu nome e da minha orientadora.

RESUMO

Esta pesquisa traz como desafio um tema e um problema inquietante para o povo Apiaká. O tema é o Ensino da língua Apiaká aos alunos do Ensino Fundamental no cotidiano da comunidade *Mayrob* Apiaká. O problema a ser investigado é que não há falantes fluentes da língua materna ancestral nesta comunidade. Então a questão que paira no ar e nas falas de muitas pessoas é, qual a importância para o povo Apiaká registrar textos em sua própria língua? Mas, como e com quem da comunidade desenvolver essa pesquisa? Como ensinar a língua Apiaká às crianças se não há falantes fluentes na língua na comunidade Mayrob? O trabalho com a língua Apiaká vem sendo realizado por meio de alguns cantos, frases e palavras escritas na cartilha (2009). Usos de outras palavras, frases e cantos que foram pesquisadas e escritos por mim mesmo no trabalho pedagógico com o ensino da língua ancestral, na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká. As crianças da aldeia Mayrob são alfabetizadas na Língua Portuguesa, que consideramos como a primeira língua, por isso o objetivo desse estudo é compreender e construir, meios de ensinar a língua ancestral falada e escrita como possibilidades de futuramente alfabetizar as crianças na língua Apiaká. O trabalho foi realizado com a participação da comunidade, com os estudantes da fase final do Ensino Fundamental para as ações da pesquisa. O ensino da língua ancestral é de suma importância no processo de ensino e aprendizagem do aluno Apiaká, pois mantém viva a cultura e a tradição Apiaká, que por muitas vezes foi e é discriminada devido o povo Apiaká não falarem fluentemente a sua língua. Os caminhos construídos nos procedimentos metodológicos da língua ancestral Apiaká tem sido o trabalho em sala de aula com esses alunos. Seguiram uma metodologia aberta, entrevista com alguns idosos e idosas da comunidade para levar adiante os passos da pesquisa e a sua intenção. Leitura de livros escritos na língua Apiaká para o enriquecimento de vocabulário. Foi feita a organização de pequenos textos a partir da oralidade da língua Apiaká. Percebe-se com esse estudo que há um despertar nos estudantes para a importância da língua, bem como o renascer da esperança da comunidade em ver a nova geração falar e escrever a língua Apiaká. Em anexo a esse texto tem o produto pedagógico intitulado “Cantos Apiaká: dando vida à língua na escola”, um convite à sua leitura para conhecer alguns animais que fazem parte da vida do nosso povo.

Palavras-chave: Língua ancestral Apiaká, ensino, cantos, comunidade Mayrob, educação escolar.

ABSTRACT

This research challenges a topic and a problem that is worrying for the Apiaká people. The subject is the teaching of the Apiaká language to elementary school pupils in the daily life of the Mayrob Apiaká community. The problem to be investigated is that there are no fluent speakers of the ancestral mother tongue in this community. So the question that hangs in the air and in many people's speeches is, how important is it for the Apiaká people to record texts in their own language? But how and with whom in the community should this research be carried out? How can the Apiaká language be taught to children if there are no fluent speakers of the language in the Mayrob community? Work with the Apiaká language has been carried out using some songs, phrases and words written in the booklet (2009). Other words, phrases and songs have been researched and written down by myself in my pedagogical work teaching the ancestral language at the Leonardo Crixí Apaiaiká State Indigenous School of Basic Education. The children of the Mayrob village are literate in Portuguese, which we consider to be their first language, which is why the aim of this study is to understand and construct ways of teaching the ancestral spoken and written language as a possibility of literacy in the Apiaká language in the future. The work was carried out with the participation of the community, with students from the final stage of elementary school for the research actions. Teaching the ancestral language is of the utmost importance in the Apiaká student's teaching and learning process, as it keeps the Apiaká culture and tradition alive, which has often been discriminated against because the Apiaká people do not speak their language fluently. The methodological procedures built around the Apiaká ancestral language have involved working with these students in the classroom. They have followed an open methodology, interviewing some of the community's elderly men and women in order to carry out the steps of the research and its intention. Reading books written in the Apiaká language to enrich their vocabulary. Small texts were organized based on the orality of the Apiaká language. It is clear from this study that the students have been awakened to the importance of the language, as well as the revival of the community's hope in seeing the next generation speak and write the Apiaká language. Attached to this text is the educational product entitled "Cantos Apiaká: dando vida à língua na escola" (Apiaká songs: bringing the language to life at school), an invitation to read it and get to know some of the animals that are part of our people's lives.

Keywords: Apiaká ancestral language, teaching, songs, Mayrob community, school education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. MINHA VIDA ENTRELAÇADA, NOS CAMINHOS DESTE ESTUDO	13
2.1 Quem sou eu?	13
2.2 Antes do meu nascimento	13
2.3 1975 – Meu nascimento	14
2.3.1 Brincadeiras preferidas em meus tempos de criança	15
2.3.2 Meu casamento	16
2.3.3 1982: início dos meus estudos	17
2.3.4 1992 – Doença do meu pai e sua partida em 1993	19
2.3.5 Minha trajetória como estudante do ensino médio PROJETO TUCUM 20	
2.3.6 Outro sonho a ser realizado: ingresso para cursar uma faculdade	22
2.3.7 Minha trajetória na Pós-Graduação	23
2.4 A metodologia e seus procedimentos metodológicos da pesquisa	25
3. CONTEXTO HISTÓRICO DO POVO APIAKA: ALDEIA MAYROB	28
3.1 Mito de Origem do Povo Apiaká	29
3.2 História da Aldeia Mayrob	33
3.3 Artesanatos elaborados na Escola	59
4. EM BUSCA DA REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA APIAKÁ	67
4.1 Em busca do conhecimento da língua ancestral Apiaká	67
4.2 O caderno enquanto produto educacional na prática pedagógica	72
REFERÊNCIAS	74

1. INTRODUÇÃO

As chaves que abrem as portas do nosso trabalho são as palavras: Língua ancestral Apiaká, ensino, cantos, comunidade Mayrob, educação escolar. Com elas abrimos os caminhos da pesquisa. Mesmo vivendo no mesmo espaço que essa comunidade, a metodologia e seus procedimentos metodológicos mostraram que estamos com um tema desafiador e que não basta o desejo de alcançar o objetivo principal, para isso é necessário usar diversas ferramentas, como as leituras bibliográficas que mostram as referências temáticas pelos estudiosos (não consegui ler muito), mas as poucas leituras que fiz já evidenciou o tamanho da responsabilidade que terei junto à comunidade em cumprir nossa meta de alfabetizar as crianças na língua. Outra ferramenta essencial é a participação de toda a comunidade neste estudo, bem como o uso dos cantos ritualísticos como instrumentos no ensino, possibilitadores de aprendizagens da língua pelos estudantes e por fim e não menos importante minha vivência de trinta anos com essa comunidade. O sonho da comunidade é o meu também. Sou Kayabi, mas tenho amor e dedicação ao povo Apiaká.

O povo Apiaká, assim como os diversos indígenas brasileiros sofreram os impactos sociais do seu jeito de ser e viver ao longo do Brasil colonial. A pedagoga e linguista Eunice Dias de Paula traz a informação de que as línguas Tupi-Guarani foram usadas como “a base para a formação da língua geral ou brasílica, utilizada antigamente pelos indígenas, colonos, portugueses e missionários jesuítas, assim, o Brasil é rico em diversidade sociocultural linguística (Paula, 2018 p. 6). Sabe-se, portanto, que temos uma diversidade linguística muito rica e o fato de perdê-la nesse processo histórico violento, com os povos indígenas sempre foi a preocupação de cada povo que vive esse drama linguístico.

O presente trabalho traz um tema que é muito valioso e significativo para o povo Apiaká que é o *ensino da língua Apiaká aos alunos do Ensino Fundamental no cotidiano da comunidade Mayrob Apiaká*. O estudo apresenta uma experiência de registro de texto em língua Apiaká, seja por meio das músicas, das palavras, das frases e

outros textos que surgirem na escrita na língua. O ensino desse modo é primordialmente com alunos do Ensino Fundamental em processo de aquisição da leitura e da escrita.

A proposta é ensinar a língua Apiaká para as crianças desde a fase inicial delas na escola, usando os cantos, os vocábulos, as frases e outros pequenos textos, nutrindo o a esperança de que futuramente eles se tornem falantes e escritores na sua língua ancestral.

O recorte da pesquisa é para a comunidade *Mayrob* Apiaká, onde eu vivo. A Aldeia Mayrob fica próxima à beira e à esquerda do Rio dos Peixes município de Juara MT. O povo Apiaká é habitante da região noroeste do Estado de Mato Grosso, próxima à cidade de Juara MT no interior da Terra Indígena Apiaká/Kayabi, que vivem as três etnias: Apiaká, Kayabi/Kawaiwete e Munduruku.

Essa comunidade sofre com preconceitos porque não são falantes da língua ancestral Apiaká. Ultimamente a comunidade aposta no trabalho escolar que possa contribuir para o movimento, no sentido de construção de uma política linguística, em buscar diferentes espaços da cultura, revitalizar a língua materna ancestral, em momentos culturais, como os cantos, as produções de alimentos, artesanatos, nomenclatura da fauna e flora conhecidas pelo povo e, assim revitalizar a língua ancestral.

Pela aposta da comunidade na educação escolar é que surge o objetivo dessa pesquisa que é, “compreender e construir, meios de ensinar a língua ancestral falada e escrita como possibilidades de futuramente alfabetizar as crianças na língua Apiaká”. A língua materna ancestral é importante porque é uma identidade do povo. O sonho de uma comunidade é ter sua identidade, principalmente a língua ancestral.

Essa pesquisa foi desenvolvida com senhor Pedrinho Kamaçuri, antes do seu falecimento. Ele era falante da língua, por isso, eu perguntei e escrevi nomes de peixes, animais, aves, seres invertebrados, corpo humano, parentescos, objetos, frutas, arvores, alimentos e frases na língua Apiaká. Essa foi uma das pesquisas que eu vinha fazendo desde a minha graduação até no momento exato deste mestrado

Sabe-se que um povo sem língua sofre preconceitos, discriminações, bem como causa tristeza, em especial às pessoas mais idosas. É uma perda, ainda que justificada pela triste história da relação colonialista, entre colonizadores e colonizados e nesse caso, os indígenas, as diversas etnias têm buscado suas línguas seja toda ela ou em parte, em lugares onde ainda seja possível encontrá-las.

Recorremos ao linguista e antropólogo Bartomeu Meliá (1978) que veio afirmar “A língua tem uma história. [...] A língua se realimenta continuamente como novas experiências. A sua história não está desligada dos fatos sociais que ela vive. A língua, que é uma representação do espaço vital” (Meliá, 1978, p. 77). A língua é também o modo de se viver socialmente e todas as suas mudanças históricas. É de salutar importância que se tenha uma política linguística de reafirmação do povo Apiaká. Encontramos na escola uma aliada que possa ser um dos caminhos para alcançar os objetivos desta pesquisa. Nessa linha, a comunidade *Mayrob* Apiaká, cresce o seu esperar de que é possível prosseguir com o sonho de que as crianças possam conhecer pelo menos parte da sua língua e sejam falantes dela.

Nesse sentido, o trabalho foi realizado com a participação da comunidade, bem como com o auxílio dos estudantes para as ações da pesquisa. Nisso, destacamos alguns objetivos específicos que nos orientou: (I) conhecer os diversos textos escritos na língua Apiaká; (II) aprender por meio de palavras a partir dos vocábulos existentes nos livros escrito da língua Apiaká; (II) buscar palavras ou histórias na língua em outras comunidades falantes da língua; (III). Treinar a sonoridade musical da língua Apiaká por meio dos cantos; (IV). Organizar palavras e pequenos textos a partir da oralidade da língua. (V) Tornar as letras da música como textos potenciais para ensinar as crianças de um modo alegre a falar e a escrever na língua. (VI) Usar a metodologia de ensino e aprendizagem própria do povo Apiaká na educação escolar para ensinar a língua. (VIII) Organizar um caderno em língua Apiaká, com textos trabalhados com os alunos.

Diante do exposto, torna-se importante esse estudo para esta comunidade que se alegra e aumenta as esperanças de renovação do fortalecimento da cultura e da língua no seu cotidiano. Para isso, o texto está organizado na seguinte forma: introdução, que faz um mapeamento geral do assunto tratado nessa Dissertação. Capítulo 1 que registra a vida da pesquisadora e os procedimentos metodológicos do estudo; capítulo 2, contexto histórico do povo Apiaká de um modo geral e a história da comunidade *Mayrob*. No capítulo 3 apresentamos, a partir da história da comunidade, incluindo a história da educação escolar em seu seio, o desafio de debater a proposta com a intenção de incentivar e ensinar a língua Apiaká. A prática com maiores detalhes está no Caderno Pedagógico.

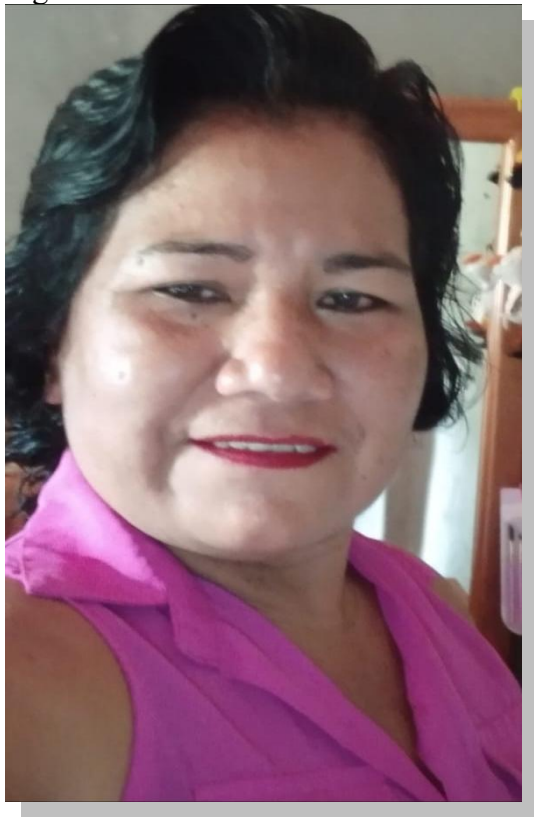
Esse caderno é um exercício e um chamado para o ensino e aprendizado de um modo prazeroso. Nele contém músicas ligadas a natureza, fauna e flora, momentos que os estudantes têm oportunidade de cantar na língua Apiaká, extravasar o cansaço,

dançando e conhecendo como vivem os animais de seu convívio. Além disso, poderão observar na letra da música, letras, palavras, frases que são usadas em seu cotidiano e aprender vocabulários na língua Apiaká. Todo ilustrado em sua maior parte com desenhos dos estudantes e na falta deles algumas fotos do cotidiano da aldeia que representam as figuras solicitadas.

Aqui discutiremos um pouco da educação do nosso povo e a importância da língua ancestral. É difícil e complicado que as pessoas da comunidade voltam a falar a própria língua. Mas nada impossível aprender algumas palavras, frases e os textos que são escritos. Por isso, a escola é uma grande aliada da sustentação desse debate e de elaboração deste Caderno como ferramenta de processos metodológicos da pesquisa e o caminhar para o alcance dos objetivos descritos nessa investigação. O momento de colocar a vista o diálogo realizado com todas as informações obtidas, seja por meio das leituras no modo da pesquisa bibliográfica, seja na pesquisa de campo, usando entrevistas ou mesmo conversas informais com as pessoas desta comunidade ou por meio das ações da escola praticando produções de textos, músicas com registros de suas letras, enfim em todos os espaços possíveis de buscar meios de ensinar a língua ancestrais deste povo. Ao final apresentaremos as considerações decorrentes dos resultados e uma possível continuidade da pesquisa que pode trazer novos rumos e um novo esperançar para esta comunidade, de modo a ver o mundo a partir das próprias ações rumo ao fortalecimento da língua, da espiritualidade e de uma escolaridade que busque alianças com os desejos comunitários.

2. MINHA VIDA ENTRELAÇADA, NOS CAMINHOS DESTE ESTUDO

Figura 1 – Cristina Leite Tukumã



Fonte: Acervo pessoal, 28/04/2023

2.1 Quem sou eu?

Sou a Cristina Leite Tukumã da etnia *Kayabi/Kawaiwete*. Como toda pessoa, minha história é longa e começa antes do meu nascimento, mas vou falar resumidamente sobre meus pais. Sem essa história é difícil saber quem sou eu. Essa pesquisa está entrelaçada em minha vida diante do desafio que me proponho a enfrentar junto à comunidade *Mayrob* do povo *Apiaká*.

2.2 Antes do meu nascimento

Meu pai João Leite Tukumã da etnia *Kayabi/Kawaiwete*, era original do Batelão atualmente município de Tabaporã/MT e depois veio morar na aldeia *Tatuí*. Após um tempo na aldeia, foi estudar no Internato *Utiriti*, onde os missionários levavam as crianças para estudar. Mamãe conta que nesse Orfanato as meninas e os meninos aprendiam ou apanhavam. Ali mesmo que muitas coisas aconteciam, pois tinha muitas proibições e falar a língua era uma delas. Muitas violências contra a cultura e a educação indígena. Ela mesmo nem sabia falar o português, ela ficava só ouvindo.

Nesse Internato que papai conheceu a dona Tereza Sabanê da etnia *Nambikwara*, sua primeira esposa. Se casaram e tiveram três filhos sendo dois meninos e uma menina. O caçula já é falecido e depois de uns meses, sua mãe Tereza também foi a óbito.

Papai trabalhava pilotando motor de popa e barco conhecido como: barcão. Fazia viagem da cidade para aldeia Tatuí e da aldeia Tatuí a cidade. Depois de casado com Tereza veio morar na aldeia Tatuí no município de Juara/MT. Teve sua própria casa. Com eles moravam a sobrinha dele Araci, que era solteira e era ela que fazia as coisas de casa para o meu pai. Papai pagava algumas coisinhas para ela. Os padres e as irmãs não queriam o casamento de Tereza com papai por causa do problema da saúde dela. Mas assim se casaram e depois de uns anos ela veio a óbito e deixando as crianças muito pequenas com papai.

Papai contava que não demorou nada e se casou com a segunda esposa, Mariza *Morimã* filha da dona Maria *Pojó* e seu Pedrinho *Morimã*. Eles foram morar na aldeia Nova Esperança, que era a primeira aldeia do povo Apiaká no rio dos Peixes, município de Juara. Logo após um tempo dessa união se separou. Com ela papai teve minhas duas irmãs, gêmeas, uma veio a falecer após nascimento e a outra eu não conheci, pois ela foi embora para a Bahia. Não sei por que ele se casou com Mariza, pois já gostava da mamãe, que já era viúva. Tinham vivido um tempo de namoro antes deste casamento, que resultou no nascimento de duas meninas: minha irmã e eu.

Minha mãe Catarina *Katumait* da etnia *Kayabi/ Kawaiwete*, casou-se com seu Jurandir da etnia *Kayabi/Kawaiwete*, ambos eram originais do Batelão município de Tabaporã – MT. E vieram morar na aldeia Tatuí há 60 km do município de Juara – MT. A história real é que, Orlando Vilas Boas, queria levar todos os Kayabi para o Parque Nacional do Xingu, mas um pouco recusou essa mudança e uns foram para o Xingu e outros foram morar na aldeia Kururuzinho e aldeia Tatuí. Os dois foram morar na aldeia Tatuí. Neste casamento, tiveram cinco filhos sendo: três meninas e dois meninos. Os meninos acabaram morrendo de Sarampo. As três meninas continuaram vivas. Essa é a história do meu pai e da minha mãe, antes de se casarem.

2.3 1975 – Meu nascimento

Nasci na aldeia Tatuí do povo *Kayabi/ Kawaiwete* no dia 04 de março de 1975, no município de Juara MT em um hospital que foi construído pelos austríacos. Esse hospital era localizado na aldeia *Tatuí* no centro da aldeia. Quem fez o parto da minha mãe foi uma enfermeira da Austrália o nome dela era Mariane.

Antes do meu nascimento moravam na aldeia *Tatuí* uns austríacos que trabalhavam nessa aldeia ensinando as pessoas da comunidade trabalharem com diversas coisas – máquinas, equipamentos, construção casas, fabricação de moveis, plantar com máquinas, dirigir, ensinavam como cuidar de animais e outras atividades como: costurar, estudar, bordar e fazer crochê. Após meu nascimento continuaram na aldeia Tatuí. Cheguei a conhecer alguns deles e depois foram embora.

O padre Joao Donstauder pediu para o papai casar-se com minha mãe. Aí ele acabou casando-se com ela e continuaram morando na mesma aldeia. Na época os padres que faziam os casamentos. Nós somos em dez irmãos ao todo, filhos do meu pai e filhos da minha mãe.

Minhas irmãs maternas, filhas da minha mãe com primeiro marido são: Maria do Carmo Kyriuni, Maria da Gloria e Maria Suzana *Kujãjup*. Meus irmãos filhos do meu pai com minha mãe somamos quatro, sendo duas mulheres e dois homens, a saber: Cezarina Leite Tukumã; Cristina Leite Tukumã; Osvaldo Leite Tukumã e Faustino Leite Tukumã. Essa é minha extensa família. Foi nesse lar que fui educada e minha educação foi permeada por brincadeiras, estudos que contarei a partir de agora.

2.3.1 Brincadeiras preferidas em meus tempos de criança

Minha brincadeira preferida era brincar de boneca, mas eu não tinha uma boneca para brincar. Eu e minhas colegas pegávamos uns sabugos de milho, enrolávamos com uns pedaços de pano velho. Deixando somente um pedaço de fora para dizer que era a carinha da boneca. Quando não tinha sabugo, nos pegávamos um pedaço de pau e fazia o mesmo processo, enrolava com pedaço de pano velho e íamos brincar. Fazia redinha de pano para colocar as bonequinhas para dormir.

Gostava, também, de brincar de fazer comidinha, terra com água virava a “comidinha” dentro de latinhas de leite ou panelas velhas. A pedagoga e psicóloga Marta Kohl de Oliveira (1995) afirma, inspirada em Vygotsky, que a brincadeira do faz-de-conta tem um importante papel no desenvolvimento da criança.

Quando Vygotsky discute o papel do brinquedo, refere-se especificamente à brincadeira do “faz-de-conta. [...] Faz referência a outros tipos de brinquedo, mas a brincadeira de “faz-de-conta” é privilegiada em sua discussão sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento. (OLIVEIRA, 1995, p. 66).

De acordo com a autora, a brincadeira contribui para o desenvolvimento mental humano. O faz de conta fazia parte do nosso cotidiano. De fato, tenho muitas ideias de criar procedimentos didáticos em minhas aulas e para outras atividades. Fui ter minha primeira boneca quando eu tinha dez anos, presente adquirido por umas mães de Sinop e trouxeram alguns brinquedos como: carrinhos e bolas para os meninos e bonecas para as meninas. Eu tinha muito cuidado com minha boneca, que eu não emprestava para ninguém, saindo da metodologia indígena que preza pela coletividade. Na brincadeira meu imaginário ultrapassava todas as barreiras das dificuldades e iniciava uma viagem cheia de fantasias, mas era minha vivência que estava ali, latente. Para eu brincar com minhas colegas eu tinha que sair escondida dos meus pais. Eles não gostavam que eu saísse de casa. As minhas colegas eram: Erlinda, Dazia, Diva e Dilma. A Diva é minha sobrinha e as outras eram colegas.

Fui crescendo e comecei a jogar bola futebol. Papai também não gostava que eu jogasse bola, dizia que isso era coisa de menino e não de menina. Papai aprendeu muito coisas de não indígenas durante o tempo que passou no Utiariti. Mas isso era com os entendimentos dele e não os meus. Eu gostava muito de futebol e desobedecia a proibição de papai. Com tantas proibições ele era responsável pelas minhas saídas às escondidas para jogar o futebol. Eu tinha medo da violência física, pois ele poderia me bater, mesmo assim, com medo de apanhar do meu pai eu saía toda tarde para jogar bola. Ao chegar em casa eu entrava sorrateiramente para não ser descoberta de onde eu estava vindo.

2.3.2 Meu casamento

Final de 1992 comecei a namorar com Lourival Morimã o quarto filho de Simiona Paleci e Manoel Sabino da Luz, ambos já falecidos. Fiquei grávida da minha primeira filha. Mãe solteira. Lourival Morimã morava na aldeia Mayrob do povo Apiaká e eu morava na aldeia Tatuí do meu povo Kayabi/ Kawaiwete. Durante esses meses Lourival saiu para trabalhar nas fazendas. Tive minha filha sem companhia do Lourival. No mesmo ano de 1993 ele voltou da fazenda e assumiu uma vaga de professor na aldeia Mayrob. Ele não era contratado. O professor José Maria Crixí que dividia seu salário com ele. Isso foi no final do ano de 1993 em setembro em diante.

No dia 26 de novembro de 1993 ficamos juntos e fui morar com o Lourival Morimã na sua aldeia. Ele era professor nessa aldeia e assim foi meu casamento com Lourival. Por esta razão tive que morar com ele na aldeia *Mayrob* do seu povo Apiaká.

No nosso casamento tivemos seis filhos, são eles: Lucimone Morimã nascida dia 27 de agosto de 1993, no Hospital e Maternidade São Lucas Município de Juara MT; Lucimara Leite Morimã nascida dia 15 de agosto de 1995, no Postinho da Aldeia Tatuí Município de Juara MT; Geovanne Leite Morimã nascido no dia 29 de outubro de 1996 no Hospital e Maternidade São Lucas Município de Juara MT; Crislaine LeiteTukumã nascida no dia 19 de dezembro de 1988, na Aldeia Tatuí no Município de Juara MT; Lourival Morimã Filho nascido no dia 01 de dezembro de 2000, no Hospital e Maternidade São Lucas no Município de Juara MT e Gleicilaine Leite Morimã nascida no dia 07 de março de 2003 no Hospital Municipal de Juara no município de Juara MT. Essa parte é minha relação de parentesco consanguíneo.

2.3.3 1982: início dos meus estudos

Comecei a estudar com 07 anos de idade na escola da aldeia Tatuí. No ano em que eu comecei a estudar, a escola era atendida pelo município de Diamantino MT. Alguns anos depois passou para o município de Juara MT.

A minha primeira professora foi minha própria irmã Maria Suzana do Carmo Kujajup. Ela era muito brava, às vezes ela me batia. Ela passava atividades eu fazia de carreira para eu acabar primeiro do que os outros colegas. Levava às pressas até a mesa dela, em resposta ela olhava e mandava eu apagar todas as atividades que já tinha feito. Às vezes eu chorava, mas eu me sentia culpada. O pior que eu não podia sair fora do horário porque papai me mandava de volta para a escola. Um dia fiquei com raiva e sai antes da escola e falei que eu não ia mais estudar com ela. Mas não fui para casa e mais uma vez tive que esconder e ficar esperando dar o horário de sair para não sofrer castigos.

Na educação brasileira as novidades demoram a chegar. Encontra-se aqui um solo resistente ao novo. Freire (2000) nos alerta sobre a educação bancária que tem a concepção e a prática de uma educação impositora. Ele afirma que:

Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos” no chamado de “controle de leitura”, na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo há sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro. (Freire, 2000, p. 64).

Com esse pensamento de “educação bancária” em que o professor é a figura que a tudo controla, enche a cabeça dos estudantes com conteúdo sem significados, o que

importa é o controle da sala de aula, das ações dos estudantes que são limitadas e os plenos poderes aos professores e professoras. Nessa educação, o professor fala e o estudante o ouve em silêncio. Esse é o modelo de escola que estudei!

Depois estudei com outras professoras não indígenas, que eram as irmãzinhas da Ordem Imaculada Conceição e que iam trabalhar na aldeia Tatuí no município de Juara MT. O ano não me lembro, mas o nome delas eram: Aurenir, Neuza, Rita de Cassia, Conceição Muniz e a Ana Helena Cunha da Rosa. Essas foram minhas professoras no ensino fundamental de 1ª a 4ª série.

A irmã Maria Conceição Muniz era muito exigente e brava, ela também batia nos alunos, mas eu nunca apanhei dela, pois para mim ela era boazinha. Quando ela saía para fazer merenda para nós, ela me colocava de ajudante, ficava tomando de conta dos outros alunos até ela voltar. Se eles ficassem fazendo bagunça era para eu contar para ela, mas muitas vezes eu não contava, pois sabia que eles apanhariam. Mas foi uma professora que eu aprendi ler, costurar e fazer crochê, o modelo de educação escolar foi o mesmo do anterior.

A Aurenir, Rita e Neuza eram estagiárias. Elas vieram fazer o estágio na aldeia Tatuí com as irmãs: Helvécia e Conceição. Era poucos meses que elas ficaram e estudei bem poucos com elas. Com a irmã Ana Helena estudei mais tempo. Estudei e terminei meu ensino fundamental até a 4ª série. Ela era uma professora muito boa, não brigava com os alunos, mas exigia aprendizagem.

Na época não tinha escolaridade de 5ª a 8ª na aldeia para eu dar continuidade no meu estudo, tive que estudar supletivo, que eram por módulos, eu ia para a cidade e levava os livros para estudar e no dia da prova eu ia um dia antes porque se chegasse atrasada não fazia mais a prova. Ou saía bem cedinho para chegar em tempo, a estrada era péssima. As condições para estudar eram mais difíceis.

Então resolvi parar de estudar, meu pai não tinha condições de pagar meus livros, na época ele pescava e levava para vender ou trocava com alguns objetos na estrada ou na vila chamada Patrimônio, atualmente Águas Claras. Ele não tinha emprego para nos sustentar. Meu pai era um homem trabalhador, nunca nos deixou passar fome e nunca passamos necessidade em relação a alimentação. Papai sempre fez roça. Ele fazia roça grande que dava para plantar muito arroz, cana, milho, melancia, mandioca brava e mandioca mansa, cará, abóbora e margarita. Na época da colheita do arroz eu chorava para não ir à roça. Porque íamos na roça, saía de casa as sete horas da

manhã e só chegava as cinco horas da tarde e dia seguinte novamente até acabar a colheita do arroz.

Plantava muita cana para fazer “açúcar” e melado. Durante esse período todos os alunos, mulheres e homens ajudavam a cortar as canas e baldeavam por meio de feixes de cana nos ombros. Para nós que era crianças era divertido. Quando acabavam de baldear, no dia seguinte os homens se levantavam de madrugada para ajudar papai moer as canas. Uns ia moendo, outros acendiam o fogo para colocar o caldo da cana no tacho para cozinhar, enquanto uns descansavam outros iam moendo até acabar. Às vezes passavam dois a três dias fazendo o açúcar e o melado. Quando estava pronto era repartido para todos da comunidade. O responsável era sempre meu pai. Esse trabalho era coletivo e comunitário.

2.3.4 1992 – Doença do meu pai e sua partida em 1993

No final de 1992 meu pai ficou doente. Foi para cidade de Juara MT, fazer tratamento e o médico descobriu que o papai estava com Tuberculose (TB). De acordo com a fonte da Fiocruz, tuberculose é uma doença pulmonar e contagiosa. Em janeiro de 1993 ficou internado na UTI no Hospital e Maternidade São Lucas no município de Juara MT. Ficou o mês todo na UTI desacordado. A Maria Brites que era Agente de saúde da aldeia Tatuí, foi visitar e viu que estava naquela situação desacordado. Voltou para aldeia e disse para mim e minha irmã Rosângela que era melhor tirar ele da UTI e trazer para aldeia, porque estava desenganado dos médicos. Mandeí uma escrita para o médico pedindo para ele autorizar a saída do meu pai e vir para ser acompanhado em casa com amor.

Assim o médico atendeu o meu pedido e liberou papai para a aldeia Tatuí. Mesmo assim ficou uns dias desacordado e só tomando soro em casa mesmo já estava desenganado, era só esperar. Até que um dia papai começa a fazer movimento. Foi uma imensa alegria que papai estava voltando a viver e morar junto conosco novamente. Ficou bem magrinho. Estava sendo sustido só pelo soro. Mas ele venceu e começou a fazer tratamento de TB na aldeia mesmo. Depois de seis meses que tinha terminado o tratamento ficou com febre numa segunda feira dia vinte dois de julho de 1993, foi a óbito no dia vinte e seis de julho de 1993. Foi uma tristeza imensa. Deixando mamãe e seus sete filhos (as), Luís, Rosângela, Cezarina, Silvana, Cristina, Osvaldo e Faustino. Na época Osvaldo e Faustino eram menores de idade.

Engravidei da minha primeira filha sem estar casada com meu marido e continuei morando com meus pais. No dia 27 de agosto de 1993, minha primeira filha nasceu, meu pai nem a conheceu. Depois que minha filha Lucimone Morimã estava com três meses, é que fui morar com o pai dela na aldeia *Mayrob* do povo Apiaká no município de Juara – MT. Na aldeia onde meu esposo morava fica a 09 km longe da aldeia Tatuí, onde eu morava na casa da minha mãe.

Eu só fui morar na aldeia Mayrob do povo Apiaka porque meu marido Lourival Morimã trabalhava de professor e me senti quase que obrigada acompanhá-lo para ele não ter que largar a sua comunidade e o emprego por minha causa. Demorou para eu me acostumar. A convivência era totalmente diferente do meu povo Kayabi/ Kawaiwete. Às vezes eu vinha na casa da minha mãe eu não tinha nem vontade de voltar para aldeia *Mayrob*. Às vezes eu passava de duas ou três semanas na casa da minha mãe e meu marido ia me buscar de volta, mas eu não me sentia bem.

Tive muita dificuldade para enfrentar os costumes tão diferentes da mãe adotiva do meu marido, ela era não indígena, uma pessoa muito rígida e muito exigente com a higiene das coisas, assim eu ficava temerosa de fazer as coisas. Fiquei morando uns meses junto com ela, eu não via a hora de sair logo de sua casa. Também moravam outras pessoas da família. Mas ela era uma boa pessoa. Eu que tinha cisma dela.

Logo depois meu cunhado Eduardo Morimã Sabino da Luz fez uma outra casa e deu a casa que ele morava para nos morarmos. Eu não via a hora de mudar logo para minha futura casa e fazer as coisas que eu gosto de comer, fazer minha própria comida.

2.3.5 Minha trajetória como estudante do ensino médio PROJETO TUCUM

No ano de 1996 fui aprovada no PROJETO TUCUM. Bateu o sino como de costume na comunidade Apiaka para todos e todas virem para a reunião ocorrida no salão da comunidade. A pauta era a decisão de quem ia participar desse PROJETO TUCUM, como o professor José Maria Cixi e Robertinho Morimã já estavam lecionando, eles ficaram com as duas primeiras vagas de titular. E tinha mais duas vagas para suplente do José Maria Cixi e do Robertinho Morimã. A Osmarina Morimã falou que ia querer uma dessas vagas, a comunidade concordou e deu o aval que sim. E a Osmarina Morimã ficou suplente do Robertinho Morimã. Não havendo mais ninguém com a 4 série completa na comunidade e nenhum interessado a mais, arrisquei o pedido, mesmo não sendo uma Apiaká. Fiquei cismada, mas eu queria dar continuidade no meu

estudo. Como eu estava só com três anos morando na aldeia Mayrob, fiquei pensando em pedir essa vaga. E perguntei para a comunidade se eu podia assumir essa vaga.

A comunidade concordou, assim tive a oportunidade de ocupar um espaço para dar continuidade em meus estudos, mas que eu ia estudar na vaga do povo Apiaká. E daquele dia em diante eu podia colocar na minha etnia como Apiaka e foi assim que me tornei uma Kayabi/Apiaká. Mas sabendo que sou da etnia Kayabi. Alguns de meus parentes me criticaram, por isso. Mais um dia tive a oportunidade de explicar a situação o porquê essa mudança, para mim não foi fácil eu lidar com essa mudança, mas depois me acostumei, hoje para mim é normal.

Fiquei com receio mais acabei aceitando e, até hoje, eu uso o nome do povo Apiaká, em qualquer lugar que vou participar de eventos, reuniões e quando saio para estudar. Todos meus trabalhos realizados eu dedico ao povo Apiaká.

No dia de viajar para o curso a minha colega Osmarina não pode viajar por causa do problema de saúde e acabou desistindo do curso. E ficou só eu e dois meninos para fazer o curso. Eu fui a primeira mulher da aldeia *Mayrob* sair para estudar fora. Participar de curso.

Novamente continuei com uma nova luta, participando do curso de formação de professores indígenas do Estado de Mato Grosso (PROJETO TUCUM), Programa de Formação de Professores Indígenas para o Magistério. Foi um PROJETO que foi uma das lutas das ONGs, lideranças e caciques que conseguiram para os professores terem suas formações. Nesse PROJETO/Polo foram inclusas 08 etnias de diferentes povos: Apiaka, Kayabi, Manoki, Paresi, Umutina, Munduruku, Nambikwara e Rikbaktsa. O Projeto teve a duração de 05 anos e divididos em 10 etapas, lembrando que havia mais três polos que atendiam outras etnias, mas não vamos falar deles, pois não é nosso objeto de estudo.

Durante esses períodos eu tive que deixar minha bebê Lucimara Leite Morimã que tinha 4 meses de nascida. Porque me disseram que não podia levar acompanhante. Ela ficou com a mãe de criação do meu marido. Chegando no local do curso não era real, pois tinham mulheres com crianças que levaram seus maridos para cuidar de filhos, só eu que não tinha levado.

Conversei com a coordenadora do projeto que na próxima etapa eu levaria minha filha e acompanhante. O chefe de posto da FUNAI da Coordenação Técnica Local de Juara concordou em arrumar passagem e ajuda de custo para eu levar

acompanhante. Na próxima etapa já fiquei tranquila com minha filha perto de mim e assim pude estudar melhor.

Os municípios responsáveis foram: Campo Novo do Parecis, Tangará da Serra, Barra dos Bugres e Juara. A primeira etapa do curso foi realizada em Campo Novo do Parecis, a segunda, a terceira e a quarta em Tangará da Serra, a quinta e a sexta foram em Barra dos Bugres e a sétima, oitava, nona e a décima foram realizadas em Juara. O Prefeito com muito orgulho aceitou finalizar o Projeto Tucum no município de Juara, em julho de 2001. Lembrando que estamos falando de um polo que acontecia o Projeto Tucum.

No ano de 2000 fui contratada pelo município de Juara. A escola pertencia ao município de Juara. Peguei uma sala do 2º ano do ensino fundamental, que tinha um total de 18 alunos. Como eu não estava adaptada para trabalhar com tantas crianças, cheguei em casa com uma dor de cabeça de tanto barulho das crianças, com uma semana depois eu consegui me adaptar. Depois gostei de trabalhar com crianças. E assim fui subindo de turma, cada ano eu trocava de turma. Atualmente trabalho com Ensino Fundamental II e Ensino Médio,

Em 2008 a escola passou a ser estadual com a concordância da comunidade. O primeiro diretor foi o professor Elias Kixi. Ele ficou 08 anos na direção da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Cixi Apiaká. Muitas dificuldades na vida para levar os estudos adiante. Mulher, mãe não é fácil de assumir outras tarefas. O sonho continuou cada vez mais alto. A primeira etapa foi vencida e agora?

2.3.6 Outro sonho a ser realizado: ingresso para cursar uma faculdade

No final de 2007 abriram novas vagas, para o vestibular indígena. Eu tive outra oportunidade, pois faltaria professor uma vez que o professor Elias Kixi já estava concorrendo a vaga de Diretor. Naqueles anos eram bem difícil de transportes até a cidade. Na época não tinha internet na aldeia. E pedi se não tinha como ele fazer minha inscrição. Fui até a cidade de Colíder para fazer o vestibular. Foi a primeira vez que eu fiz uma viagem sozinha tinha medo de me perder. No início do mês de dezembro recebi a novidade, que eu tinha sido aprovada. Fiquei muito feliz com a notícia.

Em 2008 comecei uma nova jornada nas etapas da graduação. Eu fui a primeira mulher da aldeia Mayrob a sair para estudar em uma Faculdade. Esse Curso estava em sua terceira turma. O primeiro Projeto de formação específica para professores indígenas no país, oferecido pela UNEMAT. Quando entrei o nome do Curso era

Faculdade Indígena Intercultural. Saía da aldeia *Mayrob* para a cidade de Juara e lá pegava ônibus para Cuiabá. Chegava na capital e tinha que pegar a passagem para ir para a cidade de Barra do Bugres. Em Barra do Bugres a gente ficava um mês estudando na UNEMAT e alojadas (os) na Escola Agrícola de Barra do Bugres. Terminando a etapa eu voltava novamente para Cuiabá, para pegar a passagem de volta a cidade de origem. Da cidade até aldeia muitas vezes eu tinha que pagar frete ou esperar uma carona para descer para a aldeia. Essa trajetória foram cinco anos.

Durante essa trajetória teve uma vez que eu fui para Cuiabá e minha mala foi roubada. Chorei demais! Não tinha roupa para vestir e estudar a etapa intensiva em Barra do Bugres e apesar das minhas filhas me aconselhar a ir embora, resisti. Meu esposo me apoiou e tudo ficou resolvido.

Nada é fácil, mas eu tinha um sonho e corria atrás dele. Eu precisava me profissionalizar e ajudar os povos indígenas e ao meu próprio povo. Assim sendo, resolvi dar continuidade aos meus estudos e fui fazer uma Pós-graduação no município de Juara.

2.3.7 Minha trajetória na Pós-Graduação

Em 2013 com ajuda das professoras Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira e Lori Hack de Jesus elaborei meu Projeto para a Pós-Graduação *Latu Sensu* Docência no Ensino Superior no município de Juara. No ano de 2014 comecei mais uma nova jornada. Eu tinha um problema financeiro, onde morar? Fiquei três meses sem participar das aulas. Conversei com a professora Waldineia explicando minha situação já querendo desistir do estudo. Mas ela, professora, mulher, e amiga entendeu o que eu estava passando.

Eu fui a primeira mulher da aldeia Mayrob a sair para estudar em uma faculdade. Esse curso estava na terceira turma. O primeiro projeto de formação específica para professores indígenas no país, oferecido pela UNEMAT. Quando entrei o nome do curso era Faculdade Intercultural Indígena.

A professora Waldineia disse que disponibilizava a casa dela para eu ficar enquanto e participar das aulas. Às vezes, também ficava na casa da professora Ronélia Nascimento. Com o apoio das professoras Waldineia, Ronélia e Lori, consegui terminar a Pós-Graduação, Waldineia sempre me apoiando.

Do centro até a UNEMAT ia com as professoras que davam aulas ou até mesmo de moto com uma colega que se chama Jucieli. Conteí que estava cansada e sem jeito de

ir para a UNEMAT, uma técnica de enfermagem dona Divanete Kayabi/ Kawaiwete também me ajudou e a partir deste dia, ela disponibilizava sempre uma vaga no carro da SESAI, para que pudesse ir até a cidade de Juara. As aulas eram na sexta-feira à noite das 18h:00 às 21h:00 horas e aos sábados das 7h:00 às 11h:00 da manhã. A professora disponibilizou a casa dela para eu me hospedar. Agradeço também a alguns acadêmicos que me ajudaram a saber: Juciele, Valdir e sua esposa Marli.

Quando tinha carona de volta no sábado eu voltava no sábado ou só na segunda-feira de manhã. Mas eu não queria parar com uma Pós-graduação e resolvi tentar o Mestrado da UNEMAT.

E em 2015 eu fui a primeira mulher da aldeia Mayrob assumir de cacica na comunidade Mayrob, não foi fácil devido algumas lideranças não concordarem com a minha atitude de cacica por eu ser da etnia Kayabi/ Kawaiwete. Fiquei dois anos de cacica e em 2016, resolvi sair e ficar só com o cargo de professora. Para mim foi uma nova experiência.

No ano de 2019: a oportunidade de me tornar Mestre em Ensino. Abriu o primeiro Edital para o Mestrado Indígena, no Programa de pós-graduação stricto sensu em ensino em contexto indígena intercultural, em Barra do Bugres. A professora Lori Hak me procurou para que eu fizesse o meu Projeto, escrevi-o e o deixei pronto, mas por causa de problema de saúde eu não pude fazer. E nesse mesmo ano eu assumi a direção da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká. Eu fui a primeira mulher da aldeia Mayrob assumir a direção da nossa escola. Fiquei na direção. 2019 e 2020. No final de 2020 pedi para sair para que eu pudesse estudar.

E nesse período fiquei dois anos com problema de saúde. Eu já estava com início de depressão devido meus filhos saírem pela primeira vez de perto de mim. A chamada “síndrome do ninho vazio”. Minha filha Crislaine Leite Tukumã foi morar em uma Nova Aldeia. Aldeia Nova Matrinchã no Município de Apiacás. Logo em seguida saíram os outros dois filhos Geovanne Leite Morimã e Lourival Morimã Filho foram trabalhar em pousadas com destino Salto Augusto perto dessa mesma aldeia. E a minha filha Lucimone Morimã foi para a cidade de Juara para estudar, fazer curso de técnico de enfermagem.

Nesse período eu fui me acabando de pouco a pouco, chegava em casa a hora do almoço eu não via meus filhos, como de costume. Sempre me visitavam nesse horário. Eu não imaginava que meus filhos (as) sairiam de perto de mim. Tive até que passar

pela psicóloga. Tinha noites que eu passava acordada eu não conseguia dormir e muitos menos comer e cada vez mais me acabando.

Fiquei dois anos doente, depressiva. Meu marido sempre me dando apoio, mas para mim nada estava bom, sempre faltando alguém dentro de mim. No dia 28 de agosto de 2019 meu esposo veio a óbito. Mais um abalo no psicológico. Morreu de infarto dentro do meu carro. Foi uma situação muito triste. Todos passavam pelo carro, mas ninguém parava para olhar o que estava acontecendo. Isso aconteceu era umas dez da manhã e só foram descobrir que ele estava morto dentro do carro, a partir das 17h:00. Quando a professora Dineva passou e viu o carro parado e ela resolveu olhar por fora e viu que ele não estava bem e desceu para a aldeia e avisou a irmã dela Dilma e a Dilma falou para a minha sobrinha Maria Devanildes e a Maria Devanildes falou para seu esposo, que avisou para o meu sobrinho Magno para ir lá verem. Chegando no local ele já estava morto, todo roxo. Acionaram a polícia que vieram até o local do acontecimento e levaram para a cidade de Juara e depois deslocaram com ele para Juína para fazer a perícia. Isso só veio me prejudicando.

Mas eu tinha Deus e uma força espiritual que me ajudou a sair deste sofrimento. Quase morri duas vezes, minha glicose baixou demais e minha pressão subiu. Eu não conseguia comer nada e fui só emagrecendo. Tive crises perigosas com alterações de glicose e de pressão arterial. Cheguei a ser internada sem consciência. A segunda crise eu estava na cidade e fui parar no hospital. Tive acompanhamento psicológico. Hoje estou bem de saúde.

Em janeiro de 2021 abriu novo Edital de Mestrado no PPGECEII, fiz o teste seletivo e passei e lá vai eu de novo para outro desafio. Quem acolheu meu projeto e tema para orientar foi a professora Doutora Cidinha (Maria Aparecida Rezende), da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Agora, nesse momento escrevendo esse trabalho, ano de 2022, final do ano já. Seguirei sob sua orientação, lendo e as dúvidas que tenho são encaminhadas para ela, que entende a dificuldade para uma mulher dar continuidade aos estudos. É muita compreensiva e me ajuda muito com sua paciência de pedir para eu fazer e refazer tantas vezes o trabalho.

2.4 A metodologia e seus procedimentos metodológicos da pesquisa

Neste estudo a metodologia vem validar os caminhos escolhidos pela pesquisa para chegar ao objetivo principal. A metodologia é mais do que o uso de métodos e técnicas, ela indica também as teorias que possibilitam a leitura da problemática

estudada e a interpretação de todas as informações (dados) acolhidas no processo do estudo. Ela é o próprio caminho trilhado para alcançar o principal objetivo, como esse, “compreender e construir, meios de ensinar a língua ancestral falada e escrita como possibilidades de futuramente alfabetizar as crianças na língua Apiaká”. Para facilitar os procedimentos metodológicos dessa pesquisa destacamos alguns objetivos específicos a nos orientar:

(I) conhecer diversos textos escritos na língua Apiaka. Buscamos apoio na chamada Cartilha de Tempesta e Pádua (2009) que tem vários textos na língua original dos Apiaka; tomamos como preferência a música por ser um texto alegre e mais atrativo para as crianças aprenderem durante o ensino da língua.

(II) aprender por meio de palavras a partir dos vocábulos existentes nos livros escrito da língua Apiaka, também na mesma obra citada, foram retiradas algumas palavras da temática fauna e flora e elaborados desenhos para identificar a palavra, pois as crianças não sabem a língua.

(III) buscar palavras ou histórias na língua em outras comunidades praticantes da língua. Esse item é um desejo para dar continuidade ao ensino da língua. Visitar uma comunidade praticante oral da língua, fazer uma escuta das pessoas; gravar histórias sobre o povo e a importância da língua.

(IV) treinar a sonoridade musical da língua Apiaka por meio dos cantos. Escrevo a letra da música no quadro branco e vou mostrando na letra e cantando com as crianças, mesmo não sabendo ler os códigos da escrita, elas vão habituando com a sonoridade da música e língua.

(V) organizar palavras e pequenos textos a partir da oralidade da língua. As palavras são organizadas de forma temática, como: vegetação, frutos, aves, animais, peixes, seres invertebrados, nomes das cores, os números escritos por extenso na língua.

(VI) usar a metodologia de ensino e aprendizagem própria do povo Apiaká na educação escolar para ensinar a língua. Isso quer dizer, ensinar devagar, não correr com o conteúdo, ter paciência para explicar quantas vezes necessitar. Não apontar erros para os estudantes, mas com tranquilidade ensiná-los. Repetir várias vezes as atividades propostas.

O primeiro elemento metodológico da pesquisa é a minha vida. Ela vem entrelaçada a esse trabalho comprometido com a comunidade onde aprendi a viver e conviver como uma Apiaká. A minha garra de ser mulher com mais uma etnia neste corpo, Kayabi/Apiaka, mas resolvi assumir os desafios e me jogar no mundo das

conquistas e emancipação deste ser mulher, professora, mãe, avó. Toda minha trajetória mostra os caminhos que segui para chegar aonde estou e isso, também, é metodologia da pesquisa.

A pesquisa é realizada pela metodologia qualitativa com métodos adotados de acordo com a filosofia indígena, pois é ela que dá a dimensão da compreensão dos caminhos percorridos pela pesquisa. Também registrar as relações do mundo com a vivência indígena pela teoria *Freireana* para trazer o valor da educação libertadora¹. Recorremos ao linguista Bartolomeu Meliá² (1979) referência para dizer o que é uma educação indígena.

Além da minha vida, dos estudos bibliográficos não se pode dispensar a minha condição de mulher indígena e professora nesta comunidade, as reuniões comunitárias, as conversas informais e formais com as mulheres, bem como com os estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Outros espaços frequentados no contexto desta Terra Indígena me mostraram ao longo dos anos o quanto é profundo e sentido o desejo da comunidade de que as crianças aprendam a língua Apiaka. Como não se tem falantes fluente, a possibilidade e a sugestão das pessoas Apiaka que vivem na aldeia *Mayrob* é que a escola seja uma parceira comprometida com esta tarefa, daí a importância da pesquisa e do resultado como a elaboração do Caderno de Ensino de ensino de língua Apiaká. É importante buscar um pouco da história do povo Apiaka.

¹ A metodologia fundamentada por Merleau-Ponty e Paulo Freire é objeto de estudos do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais em Educação – GPMSE, especificamente pelo Grupo de Estudo Merleau-Ponty & Paulo Freire. O primeiro coordenado pelo professor Dr. Luiz Augusto Passos, tendo como vice coordenadora a professora Dra. Maria Aparecida Rezende. O segundo coordenado pelo professor Luiz Augusto Passos. A metodologia fundamentada por esses dois autores, mas tendo como foco a filosofia indígena é um esforço epistemológico que a professora Maria Aparecida Rezende vem estudando para publicações desta metodologia. Ambos são professores do IE/UFMT. Mas a fundamentação teórica em Merleau-Ponty não será usada nesta pesquisa pela complexidade de sua leitura.

² Linguista e antropólogo que trabalhou mais de 50 anos com os Guarani e Kaiowá (Paraguay e no Brasil) e outras etnias brasileiras. Tem inúmeras publicações. Esse livro traz na introdução Meliá referência: “No mês de setembro de 1978, numa aldeia *Rikbatsa*, realizou-se um curso, o qual originou o presente trabalho. Os participantes foram, predominantemente, pessoas que trabalham na alfabetização junto a grupos indígenas. Bartolomeu Meliá coordenou os trabalhos” (SILVA, 1978, introdução).

3. CONTEXTO HISTÓRICO DO POVO APIAKA: ALDEIA *MAYROB*

Figura 1: Mapa do povo Apiaká/Kayabi



Fonte: <https://abre.ai/gSzy>, acesso

Dia 01/10/2023

O povo Apiaká é habitante da região noroeste do Mato Grosso, próxima à cidade de Juara/-MT, onde temos a Casa de Saúde Indígena – CASAI, que pertence às três etnias Apiaka, Kayabi/ Kawaiwete e Munduruku. A CASAI é um ponto de referência para as comunidades, onde buscamos informações, contatos e correspondência. “Os Apiaká do Município de Juara não falam mais a língua materna. Eles são da família Tupi-Guarani, do tronco linguístico Tupi”. (TUKUMA,2022, p. 02). A ausência da língua tem causado tristeza para a comunidade.

A chegada de um missionário chamado João Dorsnstauder mudou a situação deste povo. Ele convidou algumas famílias para morar na aldeia Tatuí, do Rio dos Peixes, junto ao povo Kayabi. Mas antes disso, este povo ficou por longos anos sofrendo os impactos do contato com os não indígenas e isso afetou, principalmente a comunicação por meio da língua materna.

O parente Crixí afirmou também que os Apiaká sentiram necessidade de retomar elementos de sua cultura, em especial a língua materna que foi esquecida no período de trabalho nos seringais. Essa necessidade surgiu quando o povo não era reconhecido como povo Apiaká. Atualmente, estamos sofrendo os preconceitos e discriminações e lutando para recuperar a língua materna.

A recuperação da língua materna é muito importante para o povo Apiaka da região noroeste do estado de Mato Grosso e a comunidade da aldeia *Mayrob*, município de Juara, MT. Nos dias atuais, segundo o senso do postinho de saúde é composta por 50 famílias e 224 pessoas. Nosso postinho de saúde é assim organizado para atender a essa população: 01 técnica de enfermagem; 02 AIS - Agente Indígenas de Saúde; 01 AISAN - Agente Indígenas de Saneamento; 01 médico; 01 odontóloga; 01 auxiliar de odontologia 01 enfermeira; 01 farmacêutico; 01 nutricionista e 01 piloto de barco.

Figura 2 – Posto de Saúde da aldeia *Mayrob*



Fonte: acervo pessoal, 2023.

O nome do povo Apiaká adveio de um tipo de marimbondo. Um tipo que tem o corpo rajadinha. Trata-se de vespas da família *vespidae* um marimbondo muito bravo, que ataca quando mexemos com eles ou mesmo por meio de ruídos fortes, eles correm atrás do seu provocador. Ao ser incomodado, persegue o provocador por longas distâncias até conseguir ferroá-lo.

3.1 Mito de Origem do Povo Apiaká

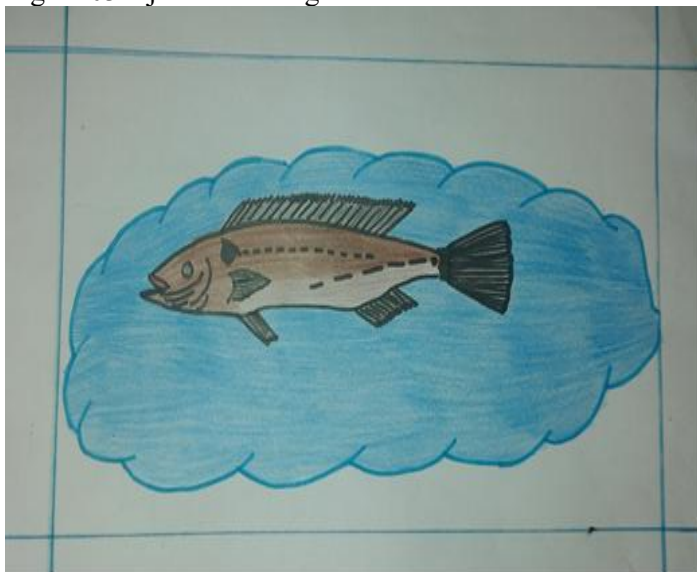
O povo Apiaká, conforme o mito de origem contado e escrito no livro *Palavras Apiaká* (2009), surgiu de um peixe chamado *jacundá* que na língua chamamos *iakundá*, y. essa história foi retirada do livro *palavra Apiaká nhandé nhe'eng*, contado por Pedrinho Kamaçuri e registrado por Robertinho Morimã.

Esse peixe morava num lago e, segundo a história, ele pulou em terra e não conseguiu mais voltar para a água, então ele se transformou em um homem e morou na terra algum tempo sozinho. Certo dia, um tatu foi pescar nessa mesma lagoa e pegou um

peixe, jogou-o para a terra, mas não o matou. De repente, o peixe começou a falar e se transformou em uma mulher à procura de seu esposo que já estava morando na terra há algum tempo. O tatu, muito assustado, respondeu que sabia onde seu esposo morava, então levou a mulher até o outro lago. Chegando perto, ouviram um canto. Eram os homens cantando para tirar os seus parentes do fundo do lago. Estando em terra, o homem disse à mulher que aqueles eram seus parentes. O mito de origem, que é a história recontado até hoje por. (TUKUMA, 2022).

Eu sempre falo para os meus filhos, filhas, netas e netos que eles não podem comer o peixe *jacundá*. Somente eu que posso comer, não sou Apiaká, mesmo considerando que sou. Eu falo para eles se vocês comerem vocês estão comendo parente de vocês. Eles ficam rindo de mim. Quando vão bater timbó e tiver esse peixe, eu peço para eles para eu comer e dou essa explicação para as crianças, que esse peixe é um peixe sagrado para o povo Apiaká. Há 20 anos atrás nós não sabíamos de como surgiu o povo Apiaká. Atualmente sabemos. (TUKUMA, 2023).

Figura 03 – jacunda no lago



Fonte: Gleicilaine Leite Morimã 20/03/2023.

Origem do povo Apiaka. Diz que os Apiaka são originários de um peixe chamado *jacundá*. Ele pulou em terra e não conseguiu mais cair na água. O sol estava muito quente, o peixe estava com sede seu limo foi acabando ele falou; “quero água”. Mas não achou água para beber e sua cabeça foi ficando redonda e as suas duas abinhas foram crescendo. Seu rabo foi ficando comprido e ele se transformou em um homem

forte e grande. Este foi o primeiro Apiaká que surgiu. As imagens abaixo complementam a história de origem.

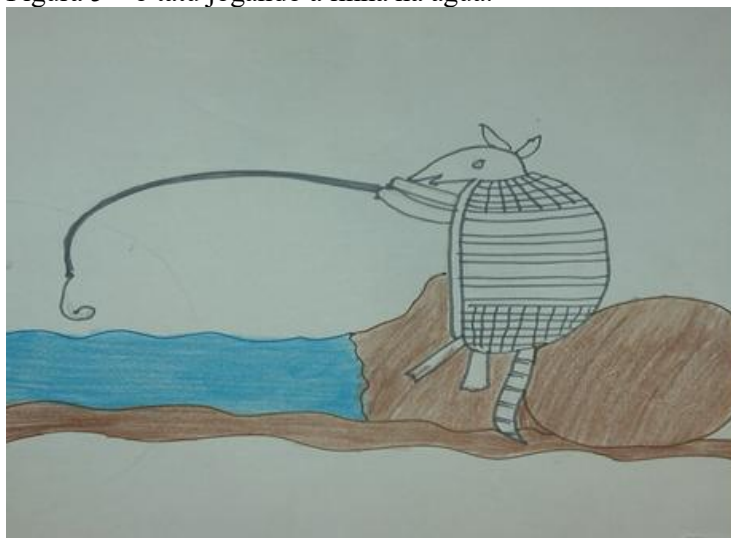
Figura 04 – os primeiros Apiaka.



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023

Com o passar do tempo, o tatu foi pescar na beira do rio, jogou na água a linhada, que era cipó, e o seu anzol era uma unha de gavião real.

Figura 5 – o tatu jogando a linha na água.



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023

De repente, a linha começou a puxar e o tatu, que estava com muita vontade de comer um peixe assado, terminou fisingando-o e jogando-o para a terra, mas não o matou. De repente, o peixe começou a falar e foi se transformando em uma mulher muito bonita.

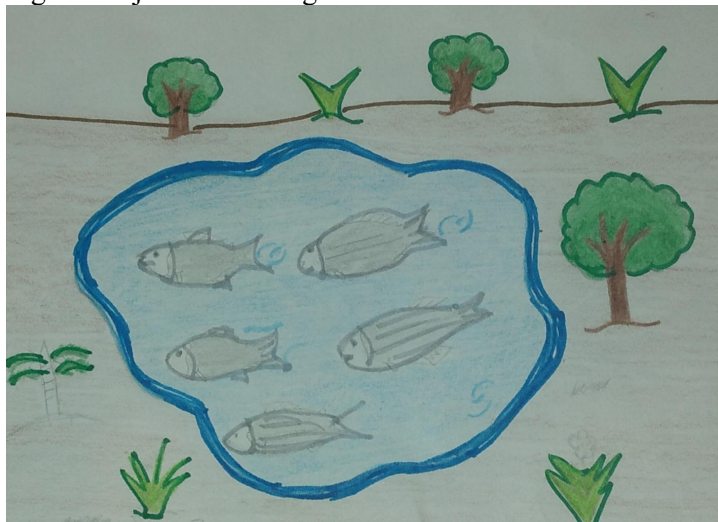
Figura 6 – o tatu pegando o jacundá.



Fonte: Cristina Leite Tukumã

O tatu ficou assustado e perguntou: “onde você mora? A mulher respondeu: “eu morava dentro do rio, mas agora vou morar em terra, estou procurando meu marido que já veio para cá. O tatu muito curioso, falou: “eu vi o seu marido. Ele está morando na beira de um lago onde existem muitos peixes chamados jacundá”.

Figura 7 – jacundás no lago.



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023

O tatu levou a mulher até a casa onde seu marido estava morando. Quando chegaram perto, ouviram cantos que estavam cantando para seus parentes, que já se preparavam para sair da água e ir para a terra. Poucas horas depois, todos estavam em terra, estes eram os seus parentes.

Figura 8 e 9 – primeira mulher Apiaká



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023

Essa é a história da origem do povo Apiaka. Ela é importante para entendermos o povo. Vamos apresentar a história da aldeia *Mayrob*, local da pesquisa.

3.2 História da Aldeia *Mayrob*

Crixí em seu texto relata que os primeiros registros feitos sobre o povo Apiaká, ocorreu por volta do início do século XIX. Nesses registros constam os territórios às margens do médio e baixo dos rios Arinos e Juruena. De acordo com a OPAN/CIMI (1987), o povo Apiaká sempre respondia com amizade aos viajantes que passavam por aqueles rios. Nesse período, a população, segundo os relatos, estimava-se em 2.500 a 16.000 pessoas distribuídas em diversas aldeias formadas por uma ou mais casas grandes.

O povo vivia bem da pesca, da caça de alguns animais, da coleta de frutos e da agricultura que desenvolviam. A relação de paz com a sociedade nacional durou até o início do século XX, quando uma parte do grupo se retirou para o centro afastando-se da margem dos grandes rios, recusando o contato com os não indígenas. O povo Apiaká, conforme o histórico, foi um povo de muita resistência entre o final do século XIX e o início do século XX. Foram alvo de massacres promovidos por coletores de impostos do Norte do estado de Mato Grosso e pelos seringueiros.

A comunidade da aldeia *Mayrob* é fruto dessa triste história que envolveram os Apiaká ao longo de existências. Proibidos de falar a língua e realizarem suas atividades do cotidiano, a violência criminosa resultou em um povo com poucos falantes e com pouco desenvolvimento cultural de acordo com a educação deste povo. Na aldeia Mayrob não existe falante da língua materna. Daí a necessidade de retomar ações que envolvam possibilidades de falar a língua materna.

Quando a antropóloga, Giovana Acácia Tempesta, refere-se à discriminação sofrida pelos Apiaká por não manterem sua língua e outros traços étnicos, podemos indagar se não há motivação política por trás da prática do questionamento das referências identitárias desta população. Isso porque os órgãos que prestam assistência e que se encarregam de questões fundiárias precisam, antes de tudo, ligar a identidade de uma dada população, ou grupo, a alguma etnia historicamente reconhecida. (PÁDUA, 2017, p. 38).

Muitos são os questionamentos que se pode fazer e um deles é a violência que cada povo sofreu ao longo desses séculos de contato com os não indígenas. Com o povo Apiaká não foi diferente. Em nome de preservar a vida, a saúde, a integridade dos povos diversas pessoas ligadas aos órgãos governamentais fizeram lastimáveis ações que só aceleraram esse processo de violência, porém diferente daquilo que os povos tinham sofrido no período colonial.

Essas violências exterminaram as línguas, razão das pessoas da aldeia *Mayrob* não falarem mais. Atualmente trabalho com a escrita na língua materna do povo Apiaká. Considero muito importante trabalhar com os alunos esses conhecimentos tradicionais. Quando eu estudava no PROJETO TUCUM, às vezes eu me sentia envergonhada pois eu não sabia nada sobre o povo Apiaka. Com o tempo eu fui aprendendo. Principalmente quando se falava da língua materna. Hoje estou conseguindo superar as minhas dificuldades.

Na aldeia Mayrob temos nossas políticas linguísticas, como não somos falantes da língua materna e deixado de realizar as práticas tradicionais durante muitos anos, por esse motivo do processo histórico de contato, não conseguimos manter a nossa língua materna que é do tronco Tupi Guarani. (Práticas pedagógicas interculturais, 2022, p., 16)

Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Cixi Apiaká na aldeia Mayrob do povo Apiaká a 65 km do Município de Jurara MT. Da aldeia a cidade ou da cidade aldeia, somente estrada de chão. Tem vários pastos às margens das estradas até chegar na área indígena. T. I. Apiaká/Kayabi.

Chegando na área, a primeira aldeia é a Aldeia Tatuí do povo Kaybai/Kawaiwete. Ali são distribuídas as estradas que liga Aldeia Nova Munduruku do povo Munduruku, descendo para baixo, Aldeia Figueirinha do povo Kayabi subindo para cima e a Aldeia *Mayrob* do povo Apiaká também subindo um pouco mais para cima da Aldeia Figueirinha.

Na época da seca vamos de carro até em frente da aldeia e atravessamos de barco para outro lado do rio para chegar na aldeia.

No período chuvoso, já é mais complicado, quando vamos para a cidade, vamos de barco até a Aldeia Tatuí e de lá pegamos o carro para ir à cidade. E os gastos aumentam com combustíveis. Compramos gasolina para descer e subir o rio de barco e pagamos o combustível para o abastecimento do carro.

Muitas das vezes saímos debaixo de chuva ou pegamos a chuva no caminho e muito difícil nessa época. Nessa época tudo é de barco. De barco vazio demora uns vinte minutos. O barco cheio demora mais uns quarenta minutos da Aldeia *Tatuí* a Aldeia *Mayrob*.

Essa trajetória começa em janeiro até, enquanto estiver cheio em maio já está seco e os carros chegam até a beira do rio do outro lado da Aldeia e tudo mais fácil. Aldeia Mayrob fica próxima à beira do Rio dos Peixes.

A primeira casa é a casa de forno da comunidade que fica próximo ao barranco logo na chegada. Em seguida, uma casa do morador Adolfo Morimã Gomes com sua esposa Ilza Morimã sempre morou nessa aldeia e no mesmo local onde mora até hoje. Depois vem de outros moradores da Aldeia Mayrob.

Nessa mesma aldeia *Mayrob* moram Kayabi que é casada com Apiaká, Munduruku casados (as) com Apiaká e até mesmo Sabanê misturado com Apiaká, Kayabi e Munduruku. Na Aldeia Mayrob tem só uma Apiaká sem casamento interétnico

que é a dona Ilza Morimã. A dona Ilza Morimã não fala a língua materna Apiaká. (TUKUMA, 2022).

O povo Apiaka não fala mais a língua materna por sofrerem dois grandes massacres e também eram proibidos realizarem suas atividades culturais no período que estavam trabalhando como escravo para os seringalistas, caucheiros e caçadores de peles” (MORIMÃ, 08/08/2022).

Mesmo passando pelo processo aniquilador e impiedoso, o povo Apiaka não perdeu a característica de ser acolhedor. São festeiros, gostam de caçar, pescar e jogar bola. Anos passados, os Apiaka gostavam muito de caçar em coletivo, hoje tem uma diferença. Poucos homens caçam em coletivo dando a preferência as caçadas e pescas mais individualizadas por famílias. Mas quando é organizada uma reunião na comunidade, a tradição da coletividade volta, todos vão caçar e pescar para alimentar a todos e todas participantes.

Na Aldeia Mayrob tem organização das mulheres e dos homens. Quando tem eventos, reuniões e comemorações, as mulheres se reúnem para decidirem o que vão fazer no dia programado. Cada mulher faz alguns tipos de alimentos e leva nesse dia no salão da comunidade para comerem juntos.

Os homens se organizam para caçar, pescar e ajuda na limpeza do pátio comunitário. Quando os homens chegam com as caças e pesca as mulheres e meninas que ajudam na limpeza dos peixes e das caças.

Se for o caso de fazer farinha puba, farinha de tapioca ou fazer beiju, os homens e os meninos ajudam no arranque das mandiocas e na torrefação da massa para ser transformada em farinha. Os homens e rapazes se juntam para a coleta das castanhas no mato. Nesses eventos as atividades são coletivas, mulheres, homens e crianças trabalham juntos transformando aquele dia em alegria. A espiritualidade parece estar no meio das pessoas alegrando-as e as energias amorosas levam para frente a tradição do trabalho coletivo.

As mulheres e meninas cascam a mandioca para fazer o beiju de tapioca. Hoje tem um motor de ralar mandioca, esse motor é individual. Mas quando alguém precisa, fala com o responsável do motor. E ele vai lá para manobra as mandiocas no ralador. Depois de ralado, ficam na responsabilidade das mulheres e das meninas para lavarem as massas. E os meninos também ajudam para buscar a água para lavar as massas. Depois de lavada a massa é colocada dentro de outra massa, que é a massa tirada da

água para fazer farinha, e essa mesma massa é misturada com a massa da água e a ralada que chamamos de mistura., para fazer a farinha puba. Quando ninguém utiliza a massa é jogada fora. E utiliza só a goma para fazer a farinha ou beiju de tapioca. Essa é uma das atividades que trabalha em família ou comunitária.

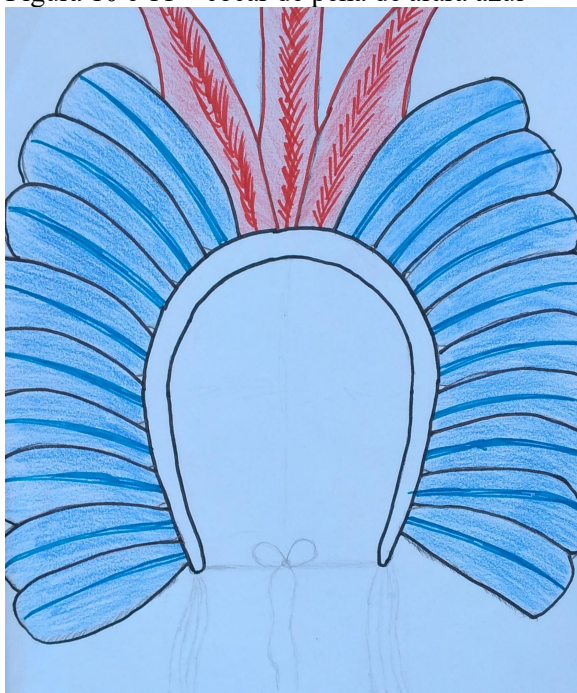
Outra prática que ainda existe são as trocas de objetos e alimentação da roça. Quando alguém não tem aquela semente ou mudas a outra família tem, ocorre as trocas com a outra para manter viva essa tradição.

Os Apiaka gostam de tirar castanhas do Brasil para sua sustentabilidade alimentar. A castanha do Brasil é uma fonte de sobrevivência para o povo. Fazem as colheitas, tiram o necessário para o alimento da família e o excedente é vendido para transformar em moedas de compras de outros alimentos, roupas, calçados, móveis, motos, barco, motor de polpa, carro e materiais de construções e outros objetos.

A extração da castanha do Brasil começa no mês de novembro até no mês de maio. Do mês de maio até no mês de outubro não tem castanha do Brasil caindo. Mas tem aquelas castanhas velhas que já não são boas para a venda.

O povo Apiaka são grandes admiradores dos papagaios verdes, algumas famílias gostam de domesticar alguns filhotes de animais e de algumas aves. Os Apiaká ainda confeccionam artesanatos. Esses artesanatos fazem parte do viver das famílias e somam também com a sustentabilidade familiar. São diversos artesanatos. Vejam figuras abaixo:

Figura 10 e 11 – cocar de pena de arara azul



Fonte: Cristina Leite Tukumã 20/03/2023.

Os cocares preferidos são os de arara vermelha e de papagaio. Atualmente alguns alunos já sabem como fazer o cocar do povo Apiaka.

Figura 12 – arara vermelha



Fonte; Cristina Leite Tukumã 20/03/2023

No ano de 2014 o professor Elivan aprendeu fazer cocar. Em 2015 começou a ensinar os alunos da escola, como fazer o cocar do povo Apiaká. Todo ano, no início da semana cultural é trabalhado os artesanatos em coletivo na casa cultural, juntamente com alunos, professores e alguns membros da comunidade para a preparação da semana cultural.

Vejamos o relato do professor Elivan como ele aprendeu fazer o cocar.

Eu, Elivan no início do aprendizado ao fazer o cocar cheguei a ver um cocar do Painon Dacê da Aldeia Pontal e achei interessante e resolvi tentar fazer uma imitação. Fui em busca de penas de araras e nisso tive que matar as araras. A carne da arara eu trouxe para eu comer, que também serve de alimentos. Foi assim que eu tomei minha iniciativa de confeccionar o cocar do povo Apiaka. Fui à casa da professora Ivanete para emprestar o cocar já feito que o Rainon Dacê tinha dado para ela, que ele mesmo tinha feito. Na época só tinha esse cocar que era de pena de papagaio. Comecei dando início do cocar olhando os detalhes da obra feita. E nisso foi o dia inteiro tentando fazer o cocar. Consegui fazer o primeiro, mas não ficou bom, tinha muito barbaente. E desisti. Fiquei um tempo sem fazer, mas com o passar do tempo, tivemos uma reunião com os jovens da Aldeia Mayrob e eu fiquei como representante do grupo. O nome do grupo era GAD era um grupo de dança cultural. Foi aí que os grupos me incentivaram a tentar novamente o cocar. Pois o grupo só tinha um cocar. Aí fomos em busca das araras, as raras e uma das aves mais fácil que tem na região. Consegui várias penas e convidei meu colega Franti Aceli Paleci, e

fomos novamente emprestar o cocar da professora Ivanete. Eu fazia um e ele fazia outro. Nisso ficamos o dia inteiro. O meu saiu mais ou menos, mas os trançados das penas, estavam de acordo com o do outro cocar. O cocar do Franti ficou melhor do que o meu. E assim fui sempre fazendo e cheguei até de vender para a minha sustentabilidade. (KREPU, 2023).

Mas soubemos que Elivan Morimã Krepu que era professor aqui na aldeia *Mayrob* aprendeu fazer cocar com senhor Pedrinho Kamaçuri já falecido. Em 2021 Elivan veio para a aldeia Mayrob passar a semana cultural com seus pais, e a liderança Agnês Fernandes Kayabi, que é também da etnia Kayabi moradora da aldeia Mayrob, pediu para ele ensinar os alunos da escola Leonardo Crixí Apiaká, como fazer o cocar do povo Apiaká. Esse trabalho foi realizado na casa de palha da comunidade Apiaká, que fica no centro da Aldeia Mayrob. As fotos abaixo mostram a confecção do cocar.

Nomes de artesanatos na língua materna

Boyra – colar

Sipoiwara – pulseira

Akanetara – cocar

Muarawa – borduna

Siwerapara – arco

yry'ywa – flecha

tupawa – rede

siwikwasi – saia

nābikwama – brinco

tamākura – bracelete

ane' i – anel

simoakara – cinto

yrypema – peneira

byha – panela

kumasiwa – flecha fina

byra' i' i – panela pequena

Figura 13 – confecção do cocar.



Fotos cedidas por: Gleicilaine Leite Morimã, 27/04/2023.

O Elivan não mora mais na aldeia Mayrob. Ele mudou para Aldeia Nova Matrinchã do povo Apiaká no Município de Apiacás. Mas sempre está vindo para aldeia Mayrob, sempre que ele vem aproveitamos para pedir sua colaboração. Além dos cocares, o povo ainda faz outros artesanatos, que são: remos, bancos de madeira, paneiro, arco e flecha, brincos de penas, bracelete, saias de palhas de buritis e tangas e colares.

Figura 14 – remo para ser usado e para enfeite



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 2023.

O povo Apiaká constroem dois remos: um para ser usado no cotidiano e o outro como artesanato e ajudar no sustento da família. O remo é feito de uma madeira chamada itaúba. Ele é usado para remar nas atividades de pesca, mas também serve para torrar a farinha, para fazer canoagem; para as crianças brincar de remar e para enfeite, que são os remos infantis. Esses remos são vendidos ou conforme o pedido das pessoas. Se é para utilizar ou é para enfeite. O remo da esquerda com detalhe vermelho é um artesanato. O da direita é usado para as atividades cotidianas do nosso povo.

Figura 15 – banco como artesanato



Fonte: Cristina leite Tukumã, 2023

O banco é uma arte que é confeccionada pelos dois gêneros. É também uma atividade de sustentabilidade financeira. Eles têm um formato de animais, peixes e reptéis. Esse artesanato é vendido ou trocado conforme negociação da pessoa que faz. A madeira utilizada é itaúba, cedro ou pau d'arco. Esse banco é tamanho pequeno, somente para crianças.

Figura 16 – arco e flecha



Fonte: Gleicilaine Leite Morimã, 20/03/2023

O arco é feito com uma madeira chamada siriva e a flecha é feita com um tipo de taquara fina. Essa é uma tarefa masculina. Somente os homens fazem essa atividade. O

arco e a flecha são utilizados pelos homens, rapazes e crianças. Os adultos usam o arco e a flecha na época do inverno, para matar peixes para suas alimentações. O arco e a flecha também servem para enfeite e para venda. O arco e as flechas infantis são somente para meninos, não para meninas. Esses dois objetos são utilizados pelos menos na época da seca e a escola organiza para a pescaria com timbó, e os meninos matam peixinhos com suas armas.

Figura 17 – brinco de pena



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023.

Este brinco é feito de penas de araras, fio de kuruá. O kuruá é uma planta parecida com as folhas do abacaxi. E dessa folha são retirados os fios para amarrar as penas e as argolinhas. As argolinhas são compradas em aviamentos. Esses Brincos são fabricados pelas mulheres. Eles são usados pelas mulheres e serve de enfeite na casa de quem faz.

Figura 18 – brinco de missangas



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023

Estes brincos são fabricados para usos feminino e são comercializados para comprar coisas ou até mesmo trocar com outros artesanatos.

Figura 19 – bracelete



Gleicilaine Leite Morimã, 20/03/ 2023

O bracelete é feito de barbante e enfeitado com pena de papagaio ou de arara e com algumas frutinhas chamadas molongó. O bracelete é usado pelos homens e mulheres. Esse é um trabalho feminino, mas nem todas as mulheres sabem confeccionar. O bracelete é usado nos rituais das festas comemorativas ou apresentações. Eles também são vendidos conforme as solicitações.

Figura 20 – Saia de palha de buriti



F,
2023

Fonte: Gleicilaine leite Morimã, 20/03/2023

A saia é feita de palha de buriti. Quem tira as palhas de buriti são os homens ou os rapazes. As mulheres e as meninas também acompanham esse processo de tirar as palhas do buriti. Chegando em casa é obrigação das mulheres e das meninas cozinharem, baterem e fabricar a saia. A saia é comumente usada para apresentações em rituais.

Figura 21 – peneira



Fonte: Cristina Leite Tukumã 20/03/2023

A peneira é feita de uma tala chamada arumã. Essa planta vive no brejo em lugares úmidos. Ela é fabricada pelos homens, mas utilizada pelas mulheres. A peneira serve para peneirar massa de fazer farinha de mandioca, peneirar massa para fazer beiju e farinha de tapioca. Mas ela é versátil e usada para outros fins a exemplo para guardar objetos. A peneira também serve para enfeitar o ambiente.

Figura 22 e 23 – cuia



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023.

A cuia é confeccionada por uma planta conhecida pelos Apiaka de kujuba que plantamos no terreiro. Elas são usadas para diversas atividades. A cuia é usada para tirar água da canoa, como pratos onde são servidas as refeições, para tirar farinha do forno e da lata de farinha. A cuia tem vários tamanhos pequenas, grandes e medias. Elas também são trabalhadas com uma riqueza de detalhes artísticos e vendidas como artesanatos ajudando na economia familiar. A cuia é feita pelas mulheres e também é ensinada na escola, como: partir, limpar, fazer desenhos detalhados e para que serve e como utilizar.

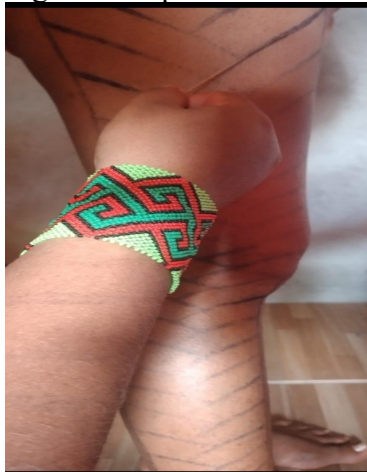
Figura 24 – cocar



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023.

O cocar é fabricado de penas de araras, papagaios e congos. Os cocares são feitos pelos homens e rapazes, mas nem todos sabem a técnica. É preciso ter interesse. Os cocares são utilizados pelos homens, mas os cocares fabricados com as penas de papagaios são também utilizados pelas mulheres. O cocar pode ser vendido para ajudar na economia familiar, mas comumente é usado em festas ritualísticas.

Figura 25 – pulseira



Gleicilaine Leite Morimã, 20/03/202

A pulseira é artisticamente confeccionada por diversos detalhes e variam de materiais em sua elaboração. Essas pulseiras são feitas de missangas e tucum. As pulseiras são feitas pelas mulheres, meninas e por alguns homens que ajudam suas mulheres na confecção delas. Elas são utilizadas pelos dois gêneros. Não tem pulseiras feminina e masculina e nem idade específica para usá-las. Elas são muito cobiçadas pela beleza dos detalhes artísticos e cores. As pulseiras são objetos que ajudam na renda familiar.

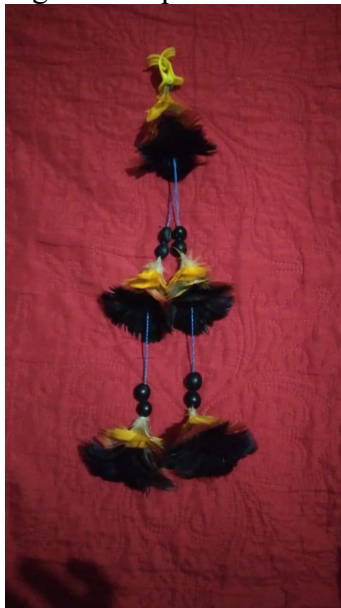
Figura (26) Lança



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023.

Para confeccionar a lança, os Apiaká buscam o pau d'arco, a siriva e o pau vermelho. É uma produção masculina e são usadas pelos homens nas apresentações durante os rituais. Elas podem ser comercializadas no uso de enfeites podendo auxiliar na renda familiar.

Figura 27 – piranha enfeitada



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023.

As piranhas são adquiridas das lojas dos não indígenas, mas as mulheres indígenas fizeram uma adaptação de enfeites para elas. São usadas nos cabelos. Esses enfeites são feitos de penas de araras, japuínas, papagaios e tucanos. Quem faz essas atividades são as mulheres e meninas. Essas piranhas são vendidas por encomendas para ajudar na renda familiar ou individual.

Figura 28 – chocalho de cuia pequena



Fonte: Cristina Leite Tucumã, 20/03/2023.

Figura 29 – chocalho para colocar no calcanhar



Fonte: Cristina Leite Tucumã, 20/03/2023.

Esse chocalho é um instrumento musical, confeccionado com sementes carocinhos. Quem faz esses chocalhos são as mulheres e meninas. As meninas e mulheres vão no mato atrás desses materiais para confeccionar o chocalho. Todo mundo usa esse chocalho para dançar e cantar. Homens ou mulheres. Ele é colocado no calcanhar para fazer barulho e o som é de acordo com as batidas dos pés em ritmo da música e da dança.

Tem outro tipo de chocalho que é colocado nas mãos que são gesticuladas conforme o toque da dança. Esse chocalho é feito de uma cuia pequena com um pedaço de pauzinho na ponta para segurar e umas frutinhas dentro para fazer os barulhinhos, quando ir sacudindo com a mão. Ambos despertam sons que dão ritmos na dança e animam os rituais.

Figura 30 – Cestinha de colocar flechas



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023.

As cestinhas de colocar flechas são confeccionadas pelos homens. É construída de uma tala chamada arumã. Essa cestinha é usada para guardar arco e flechas e serve também para levar o arco e as flechas para uma apresentação ritualística, mas é uma atividade completamente masculina.

Todos esses artesanatos fazem parte da arte, das festas ritualísticas e do cotidiano do povo Apiaka. Eles são símbolos religiosos e alguns ajudam na renda familiar. Além dos artesanatos e rituais, os Apiaka contam com uma diversidade culinária alimentar natural digna de ser divulgada. Têm os mingaus prediletos deste povo, a saber:

Mingau de banana Verde com leite da castanha do Brasil.

Mingau de arroz com leite da castanha do Brasil.

Mingau de farinha de tapioca com leite de castanhas do Brasil.

Mingau de massa lavada com leite da castanha do Brasil.

Mingau de cará roxo misturado com cara branco.

Esses mingaus são feitos pelas mulheres. Na hora de descascar a castanha do Brasil, alguns homens e outras pessoas da família ajudam a cascar. Depois de descascadas e raladas ou batidas no liquidificador, as castanhas viram leite e, esse leite é colocado depois que os mingaus estão cozidos, misturando com os outros ingredientes, e está pronto o mingau. A ressalva é que no mingau de cara não se usa o leite da castanha do Brasil.

Além dos mingaus são usados sucos naturais como:

Suco do caju do mato suco de pariri; suco de murici. Esses sucos são acrescidos do leite da castanha do Brasil. A ressalva para não usar o leite, são os sucos de: açai, buriti; bacaba e o suco de patoá. Outros alimentos da tradição alimentar são as deliciosas chichas preparo feminino, são elas:

Chicha de margarita.

Chicha de farinha escaldada;

Chicha de maniquera com cara.

Chicha de maniquera com banana verde.

Chicha de Mantiqueira com fubá de milho

Esses tipos de sucos, chichas (bebidas tradicionais) e mingau ainda são muito utilizados pela comunidade. O povo Apiaká só não fala a língua, mas suas bebidas e alimentos tradicionais são praticados no cotidiano deste povo.

A partir do ano de 1980 foi criado um ponto de extração de látex pelo Senhor Alberto Leonardo Morimã. Nesse período, o lugar era conhecido pelos moradores da região como Poção. Poção é um lugar rico em seringa nativa e a extração era feita apenas por ele e depois vendida. O senhor Alberto é uma liderança do povo Apiaká e antes, ele e as outras famílias do povo Apiaká moravam abaixo da aldeia Tatuí, na margem direita do Rio dos Peixes, na aldeia Nova Esperança. O povo Apiaká morou nessa aldeia até o final do ano de 1981, quando ocorreu um conflito entre o próprio povo e, a partir de então, algumas famílias Apiaká ligadas a Álvaro Morimã, pai de Alberto Morimã, se desligaram da Aldeia Nova Esperança e fundaram a atual aldeia *Mayrob*, lugar onde era apenas ponto de extração de látex. A atual aldeia Mayrob foi fundada no dia 15/05/1982 por esse senhor que extraia látex nesse local. Alberto Leonardo Morimã”. (MORIMÃ, 2022).

De acordo com Crixí na década de 70 não havia escola na aldeia Nova Esperança que era uma aldeia do povo Apiaká. Antes de criar a aldeia Mayrob, como não tinha escola, as crianças eram levadas para estudar no Utariti, mas a educação começa desde a casa da criança (CRIXI, 2016). Utariti é uma aldeia na divisa de Campo Novo do Parecis com Sapezal.

De acordo com Tukumã (2022) o povo Apiaká tem uma organização em sua educação tradicional:

Primeiro vem a educação tradicional. A educação tradicional do povo Apiaká se dá através dos pais que ensinam seus filhos conforme os costumes, as crenças, a religião e a mitologia. O ensino é através da oralidade e da prática. As crianças e os jovens são educadas sem mesmo os pais terem o conhecimento da leitura e da escrita (TUKUMA, 2022, p. 07).

Dando continuidade no mesmo assunto Morimã, 2022, com seu conhecimento, diz: “A educação tradicional é uma prática que os antepassados já costumavam ensinar sobre a importância do respeito com a família, os mais velhos, as crianças, os pajés e com a espiritualidade” (MORIMA, 08/09/2022).

Educação Escolar Indígena.

As histórias são contadas por diversas pessoas idosas, homens e mulheres. Eu não sou da mesma etnia, mas na minha observação, eu sendo do mesmo tronco linguístico tupi guarani, as histórias são contadas em grupos. A educação, os respeitos são da mesma forma do povo Apiaka, São ensinados em casa, com os pais e os parentes mais próximos como: os tios e avós e posso afirmar pela convivência que desde muito cedo as crianças Apiaká aprendem a observar os ensinamentos, as práticas e os costumes.

Assim, vão aprendendo com seus pais e demais membros da comunidade. As crianças acompanham seus pais, tios e avós parentes mais próximos para coletarem frutas, caçar e tirar matérias primas, ir ao rio para pescar, à roça para fazer plantação, depois a colheita dos alimentos na roça e na mata. O espaço e o tempo de aprendizados e ensinamentos do povo são diferentes do tempo dos não indígenas. A escola é uma infinidade de lugares em diferentes espaços e não há reprovação de ninguém.

Às vezes, as crianças pequenas de 9 anos em diante acompanham pessoas da comunidade que vão no mato para fazerem outras atividades. Sempre tem desses meninos que são curiosos. Também nessa fase eles já costumam inventar e colocar em prática o que os adultos fazem, como acompanhamento da família, confecção de arco e flecha para brincar com a outras crianças, confecção de artesanato e enfeites.

Nessa fase de criança ela fica mais na responsabilidade dos parentes próximos e dos próprios pais. Antes de a escola chegar à aldeia, era bem rigorosa e todos os ensinamentos tinham que ser seguidos conforme os costumes, as crenças, as regras e a forma de organização social e cultural do povo Apiaka.

Atualmente eu fico observando. Muitas vezes quando a criança vai para a escola, alguns pais deixam essas responsabilidades para os professores. Alguns pais se confundem com a educação tradicional e a educação escolar. A partir que a criança vai para escola fica para o professor educar.

Mas não é assim. A educação já vem de casa, o professor está ali para educar, mas no momento que estão em sala ou nos espaços da educação escolar e não da

educação de cada povo. Saiu da sala é responsabilidade dos pais dar educação. O respeito sempre em primeiro lugar.

Ensinar respeitar uns aos outros como se desenvolver com a lei do não indígena, como lutar pela comunidade, como se chegar a uma pessoa estranha, como falar com ela; não se comparar a aldeia com a cidade. Tem que ter a educação da aldeia e a educação para a cidade para tratar com as autoridades (TUKUMA,2022)

O senhor e liderança Adolfo Gomes Morimã nos conta que a iniciativa de inserir a escola na aldeia foi dos missionários Jesuítas da Missão Anchieta que chegaram à aldeia e trouxeram os primeiros professores. Ele disse não saber se eram voluntários ou não, como professores alfabetizadores naquele período as pessoas vinham, a convite do Missionário Jesuíta que era o Padre João Dounstalder que fazia essa ponte. Traziam pessoas de outros país como (a Áustria), de onde vieram várias outras pessoas. Como Alfredo, Mariana, Ane e França. ‘‘Eu ainda me lembro esses nomes, quando foram embora eu já era grandinha’’ (TUKUMA,2022, p. 09).

Nesse período a comunidade não pensava em ser independente e tudo era do jeito que os missionários pensavam, até mesmo não tinham conhecimento pelos seus direitos. Mas foi bom que todos que estudaram com esses professores tiveram bons resultados nos estudos, bem como aprenderam o jeito de ser e do viver do não indígena.

Com o passar do tempo, esses professores não indígenas incentivaram as lideranças indígenas a lutarem em busca dos seus direitos. E foi assim que a comunidade Apiaká se reuniu para implantar a escola na aldeia porque sentia dificuldade de enfrentar o mundo dos não indígenas, por isso, decidiram estudar para compreender e participar de reuniões, a fim de obterem mais conhecimento da língua portuguesa.

A escola é a garantia dos nossos costumes, é a luta pelos nossos direitos pela terra e pela educação. Não foi fácil porque as lideranças não sabiam por onde começar, mas com ajuda dos próprios missionários, foram tendo conhecimento dos caminhos que deveriam seguir e foram em busca de melhoramento para atender à demanda da comunidade no setor da educação escolar indígena.

Após todo esse tempo de dificuldades e luta em prol dos direitos sobre a educação escolar indígena, foram cada vez mais buscando conhecimento junto a outros povos e assim, lutando no coletivo para fortalecer a união e a luta dos povos indígenas. Após a luta e o conhecimento das lideranças, já na década de 1970, na Aldeia Nova Esperança, a primeira aldeia do povo Apiaká no Rio dos Peixes no município de Juara.

Marilsa Morimã, que havia estudado no Utiariti no centro de orfanato dos missionários, voltou para a aldeia e teve a iniciativa de dar aulas e alfabetizar as crianças. Isso foi relatado pelo entrevistado Adolfo Gomes Morimã.

Como não tinha sala de aula adequada, a professora ensinava na sala de sua própria casa. Marilsa trabalhou voluntariamente durante alguns anos e fez isso para ajudar seu povo, alfabetizando as crianças que necessitavam dessa aprendizagem. Ela seguia as mesmas regras da Missão Anchieta onde havia estudado, utilizava apenas livros didáticos e alfabetizava somente na língua portuguesa. Marilsa foi a primeira professora indígena Apiaká que estudou no Utiariti e depois veio lecionar na aldeia.

A partir de 1975 veio Maria Conceição Muniz, Irmãzinha da Imaculada Conceição, lecionar para as crianças, os jovens e os adultos. Ela não só trabalhou com o povo Apiaka, mas também trabalhou com o povo Kayabi do município de Juara, MT.

A irmãzinha era contratada e recebia livros didáticos, merenda e seu salário via município de Diamantino, estado de Mato Grosso. Em 1981, na atual Aldeia *Mayrob*, Cleide Krixí foi escolhida para dar aulas e trabalhou durante um ano, seguindo o mesmo método da escola tradicional dos missionários.

Ela utilizava livros didáticos que vinham de Diamantino e ensinava somente na língua portuguesa. Cleide Meris Krixí foi a primeira professora do povo Apiaka que lecionou na atual Aldeia *Mayrob*. Depois vieram outros professores, como Sebastião Moreira, um indigenista (CIMI) que trabalhou por vários anos com o povo Apiaká e em apenas seis meses foi substituído por Ivanete Krixí que iniciou seu trabalho a convite da irmãzinha Maria Conceição Muniz.

Nesse período, Ivanete tinha apenas doze anos de idade. Deu aula para as crianças de alfabetização durante quatro anos e todo esse período trabalhou voluntariamente. Utilizava cartilha para ensinar língua portuguesa e matemática e era orientada pela irmãzinha Maria Conceição.

Deixou de trabalhar como professora durante nove anos. Logo após Lourival Morimã que também trabalhou como voluntário no início de 1994 até o final de 1995. Ele seguia o método utilizado pela escola tradicional e deixou de trabalhar no final de 1995. Ivanete voltou a trabalhar como suplente de Leonardo Krixí, o professor titular, no ano de 1994. Nesse mesmo ano, ele ficou doente e chegou a óbito no dia 29 do mês de outubro 1996.

E Ivanete Krixí substituiu até o final do ano letivo. No final do ano, a comunidade se reuniu para saber se Ivanete Krixí ainda tinha interesse de dar

continuidade ao trabalho do ano seguinte. A resposta dela foi que sim, e todos concordaram em aceitar como professora. No ano de 2005 ingressou no Curso de Magistério Polo Juína Projeto *Haiyo*. (CRIXI, 2016).

O curso era diferenciado para melhor atender e melhor ensinar aos alunos, de acordo com suas necessidades e realidades locais.

Lourival foi substituído pelo professor Robertinho Morimã que logo após ingressou no curso de formação Projeto Tucum e começou a lecionar para as crianças da 1ª e 2ª série. Ele também utilizava os mesmos livros didáticos que a Secretaria de Educação Municipal fornecia para a escola. Todos e todas professores e professores trabalhavam como eram orientadas (os) pelas secretarias, seja do município ou Estado. Nesse sentido, José Maria Crixí iniciou seu trabalho como professor no ano de 1989 um dos professores mais velhos em sua carreira profissional e trabalhou como voluntário (MORIMÃ, 20/05/2022).

Em 1996 eu Cristina Leite Tukumã iniciei minha carreira de professora na Aldeia Mayrob do povo Apiaka. Apesar de eu não ser da mesma etnia Apiaka, me candidatei para ser professora, mas tinha que participar do curso Projeto Tucum. Poderia assumir o 5º ano do Ensino Fundamental completo se estivesse estudando este curso. Nesse momento não tinha ninguém para assumir essa vaga.

As lideranças que ali estavam na reunião, só me deram o apoio. A partir dali me tornei um membro da comunidade Mayrob. Trabalhei como suplente do professor José Maria Crixí. Em 2001 fui contratada para trabalhar com os alunos da 2ª série. Nesse período, a responsabilidade era da rede municipal de ensino. Para mim foi bom participar do curso de formação, pois aprendi novas práticas pedagógicas que me ajudaram no meu desenvolvimento e dos alunos.

Com o passar do tempo, os professores Robertinho Morimã, Jose Maria Crixí e eu Cristina Leite Tukumã fomos nos capacitando através de encontros promovidos pelo CIMI. A liderança sempre nos dá esse apoio em relação os cursos e as capacitações que são promovidas pela SEDUC.

Meu cunhado Eduardo Morimã e outras lideranças sempre falam que a escola está tendo um grande avanço porque os professores indígenas são do próprio povo e os projetos e a faculdade indígena contribuíram para os professores na forma de ensino diferenciado.

Ligado aos seus projetos de vida, à terra, aos recursos naturais e ligados também com outros saberes. A importância da escola só veio para fortalecer os valores, os

conhecimentos e as memórias tradicionais, proporcionando aos alunos a possibilidade de realizar e concluir seus estudos dentro da aldeia, sem perder o vínculo cultural com seu povo.

A Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, no ano de 1996, iniciou o Projeto Tucum, Curso de Formação de Professores Indígenas (Magistério). Neste mesmo ano, a escola foi regularizada pela Prefeitura Municipal de Juara. Mesmo com a regularização da escola, os professores continuaram a trabalhar voluntariamente e a cursar o Magistério Intercultural.

A partir daí esses profissionais tiveram um olhar diferente para a escola diferenciada e foram contratados pela prefeitura no início de 1998. Também deram continuidade outros professores indígenas, iniciando a carreira no Magistério.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena de Educação Básica “Leonardo Crixí” – trabalhamos com Ensino Fundamental e Médio. A escola foi criada pelo Decreto Lei 1.149 de 06 de fevereiro de 2008.

A unidade escolar localiza-se neste município de Juara, Estado de Mato Grosso, e fica a aproximadamente sessenta e cinco quilômetros da cidade, sentido comunidade Águas Claras, por terra, para chegar até a Aldeia Maryob (TUKUMA, 2022).

O Projeto Político Pedagógico da escola foi construído por todas as pessoas da comunidade. A primeira vez que ele foi elaborado tivemos a ajuda do CIMI, a convite nosso. Porém, tudo que foi sendo escrito foi ouvindo os mais velhos e reflexão que fizemos da escola que queríamos.

Nosso objetivo sempre foi fortalecer o povo Apiakká. Até hoje mantemos em nosso PPP, a história, os conteúdos da nossa cultura inserida na escola e a construção de nosso calendário específico.

A referida escola tem como entidade mantenedora a Secretaria de Estado de Educação. A Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká, atende a um número de 65 alunos contando, todos moradores da própria aldeia. A escola atende à Educação Básica, com as turmas do Ensino Fundamental do primeiro ao terceiro ciclo e a turma do Ensino Médio.

Figura 31 Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká



Fonte: Cristina Leite Tucumã, 2023.

Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká. Atualmente estamos em 06 professores, todos indígenas, que têm a seguinte escolaridade:

Seis (03) com graduação completo;

Cinco (05) foram formados no ano de 2022.

E duas (02) cursando o mestrado na Faculdade Intercultural Indígena.

A Escola Leonardo, preocupada com essa parceria educacional entre a educação do povo Apiaka e a educação escolar vem desenvolvendo várias ações, as quais já estão inseridas no calendário cultural da escola. São elas:

Período de preparo da roça;

Coletas de frutos silvestres;

Plantação de roça;

Pescaria com timbó;

Confecção de artesanatos;

Pinturas;

Oficinas de estudo da língua materna;

Brincadeiras tradicionais.

O currículo da escola é cheio de significados que partem do cotidiano para a construção de outros conhecimentos que envolvem a filosofia do povo Apiaka e os conhecimentos escolares.

Assim, chegando o mês e a data previstos no calendário, a equipe gestora reúne toda a comunidade, até agora eram repassados os informes do que iria ocorrer na escola

ao longo do ano. Os estudos na UNEMAT, nos mostra que, se a comunidade é parceira ela precisa fazer parte do planejamento de acordo com o conhecimento do povo e não mera coadjuvante, pois é a chave que abre as portas para um novo conhecimento.

As atividades são realizadas coletivamente, envolvendo alunos, pais, professores e toda a comunidade. Essa técnica de trabalho faz parte da organização social do povo, mantendo a parceria e organização, escola e comunidade.

A comunidade também confecciona artesanato, realiza danças e pinturas, por meio dessa cooperação do trabalho conjunto. A pescaria com timbó é praticada no mês de agosto. Todos participam, alunos professores, professoras e a comunidade. A escola segue o calendário da comunidade e por isso, quando os homens vão bater timbó todos os estudantes homens devem aprender. Essa é uma ação que ensinamos na prática e buscamos respaldos na teoria. É importante que os alunos saibam como é praticado o processo do bater timbó. A pescaria com timbó tem regras. Essas regras são explicadas no início de irem para o local que é o lago. Quem bate o timbó são os homens. As mulheres vão para assar e comer. Os peixinhos são assados e consumidos em coletivamente.

Figura 32 – pescaria com timbó no lago.



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 06/08/2023

Figura 33 – um grupo de estudantes esperando a pescaria de peixinhos.



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 06/08/2022.

Sentados no chão, nos troncos ou em pé, os estudantes esperam a pescaria de mais peixinhos enquanto observam e escutam as lições de como pescá-los e prepará-los.

Figura 34 pescador-educador mostra como preparar o timbó.



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 06/08/2022.

A pesca com timbó é uma prática cultural antiga, pois faz parte da sustentabilidade alimentar e educativa de vários povos indígenas. Homens e meninos, tiram as raízes de uma planta-cipó, que chamamos de timbó. Esse timbó deixa os peixes do lago sem ar, pois é um tipo de planta muito forte. Quando bate o timbó no lago, não se pode consumir a água. Ela fica contaminada desse produto que chamamos de timbó. O timbó é plantado nas roças ou nos terrenos de casa. As crianças escutam atentas as regras da pesca com timbó.

Além dessas pescas que fazem parte da alimentação e atividades descritas no calendário, a escola trabalha ensinando os artesanatos que fazem parte do cotidiano da comunidade. No início do texto foram mostrados diversos objetos fabricados pela comunidade, abaixo colocaremos apenas aqueles que não foram apresentados ainda. Como lição de aula, os estudantes ficam atentos às técnicas e as formas que depois são trabalhados em textos orais para o escrito.

3.3 Artesanatos elaborados na Escola

Figura 35 – mão de pilão



Fonte: (Cristina Leite Tucumã,

20/03/2023.

Fonte Cristina Leite Tucumã 06/08/2022

Nesse sentido, a participação permanece muito forte dentro da cultura do povo Apiaká.

Figura 36 - chocalho



Fonte Cristina Leite Tukumã 06/08/2022

Com iniciativa da escola, conseguimos revitalizar: alguns tipos de artesanato, cantos, pinturas, danças e palavras na língua materna. É por isso que é importante a elaboração do Caderno de Alfabetização, pois ele será mais um elemento para auxiliar nesse processo do fortalecimento da língua materna.

À medida que a criança vai aprendendo a falar, sua habilidade linguística vai se identificando com o modo de falar das pessoas com quem convive. Depois de certo tempo, passando os erros iniciais, as crianças conversam normalmente, e a comunidade tem a certeza de que todos falam corretamente, não havendo mais a necessidade de corrigir as falas das crianças nem de ensinar a língua a elas. (Cagliari, 2011, p. 73).

Esses incentivos estão dando certo e os pais e toda a comunidade, inclusive as lideranças, estão contribuindo para que essa revitalização dos costumes seja praticada por todos.

A partir do ano de 2016, em reunião pedagógica, a escola decidiu trabalhar fortemente a nossa cultura, confeccionando saias, brincos, braceletes, cocar, chocalhos, sutiã e outros artesanatos como: remo, mão de pilão, pilão, pulseiras, colar, cuias e chocalhos. Essas atividades são trabalhadas na escola juntamente com os professores,

alunos, e outras pessoas da comunidade que sabem fazerem essas práticas culturais dentro da comunidade.

Todos os trabalhos procuram envolver as áreas do conhecimento, assim, os alunos fazem produção de textos e desenhos.

Figura (37) Escola estadual indígena de educação básica Leonardo crixi apiaká



Fonte: (Cristina leite tukumã,20/03/2023).

No ano de 2008 foi construída a Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaka. O espaço contém:

Quatro salas de aula;

Uma secretaria;

Uma cozinha;

Dois banheiros; masculino e feminino

Um refeitório com mesas e cadeiras;

Um banheiro na secretaria;

A escola é composta por:

Um Diretor;

Um Secretário;

Um Orientador Pedagógico;

Três Auxiliar de limpeza;

Duas nutricionistas;

Sete professores.

E no momento está funcionando em dois períodos, matutino e vespertino, devido ter poucos alunos. A escola atende: 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Na escola é trabalhado todas as disciplinas. A proposta de implantação de uma escola estadual na aldeia foi para atender a demanda do Ensino Médio dentro da própria aldeia. O projeto de ensino respeita a nossa organização social, os costumes a língua materna e as tradições, tudo amparado nas leis educacionais.

O objetivo da criação de uma escola estadual na comunidade da aldeia Mayrob foi visando atender às necessidades de nossos jovens e assim promover a afirmação da identidade étnica, a recuperação da memória histórica e a valorização da língua materna e conhecimentos dos povos indígenas.

Como fala o Gersen Baniwa.

O desaparecimento de línguas acarreta prejuízos de toda ordem nos âmbitos individual e coletivo, porque a língua identifica, caracteriza e qualifica um indivíduo ou uma comunidade humana. O indivíduo que conhece sua língua e sua cultura também se desenvolve melhor como cidadão e como membro de uma coletividade, mais facilmente conhece seu lugar e a sua responsabilidade na sociedade. Línguas como formas de vida, recortam o mundo, produzem e comunicam valores e constroem perspectivas e sociedade. Elas expressam e organiza cosmologias, racionalidades, temporalidade, valores e espiritualidades. Uma língua funda e organiza o mundo, pois é material constituído de culturas, de sujeitos culturais, políticos e humanos. (BANIWA, 2006, p. 122).

Além de dar continuidade na formação dos alunos que concluíram o ensino fundamental na própria aldeia Mayrob também é possível garantir aos alunos continuarem seu processo de formação sem precisar sair da aldeia. Para que tenham um processo formativo a partir dos princípios culturais e sociais do povo Apiaká, e dentro desse processo formativo, tenham uma visão política voltada para o social e no seu processo de formação de conhecimento em áreas específicas, de acordo com as necessidades apresentadas, envolva os pais e a comunidade em todo o processo de escolarização na aldeia.

Até o ano de 1996 as casas eram feitas com a ajuda das pessoas da comunidade. Todos trabalhavam em comum na construção de uma casa. De lá para cá foram tendo mudanças nas construções da casa particular. Atualmente está tudo mudado. A casa particular ou onde envolvem questão financeira e construída só se for pago. Quando tem uma construção que é da comunidade exemplo: salão, barracão e outras casas que é da comunidade. Aí envolvem todos da comunidade.

Em 2021 foi construída uma casa de palha na comunidade e todos tiveram a oportunidade de aprender como partir a palha do babaçu ao meio e como fazer uma casa tradicional. Nessa construção foram envolvidos homens, mulheres, professores, professoras e alunos, cada um fazia sua atividade cultural. Para as crianças foram uma diversão.

Essa casa foi construída para mostrar, como era a casa tradicional do povo Apiaká no passado. Atualmente ela serve para reuniões e práticas culturais. Essas duas últimas pinturas que está nas paredes são somente os homens que usam. A primeira de cima e das mulheres.

Figura (38) Casa tradicional do povo Apiaká



Fonte: (Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023).

Para fazer uma casa de tabuinhas tinha que ter um tipo de madeira. O dono da casa que ia no mato para procurar essa madeira. O nome dessa madeira era conhecido como pau de tabuinhas. Os homens serravam com um serrote manual. Com um tempo depois o serrote foi substituído pelo motor serra. O comprimento era de 70 a 80 cm. A espessura era de 2 a 3 cm. Partiam com facão próprio as tabuinhas. Depois de partido carregavam no loca da construção, amarravam em feixo de 15 a 20 tabuinhas e carregavam nas costas até o local. Antes de levá-las para cima, tiravam as felpas que ficavam nas tabuinhas com um facão. Em seguida, faziam a cobertura da casa com as tabuinhas. O cercado com barro molhado ou com ripas do caule do açaí. Todas as matérias primas utilizadas para fazer as casas eram retiradas da própria T. I. Apiaka/Kayabi. Atualmente não temos nenhuma casa antiga, somente as atuais.

Figura (39) Casa dos profissionais da saúde que trabalham na Aldeia Mayrob



Fonte: (Cristina Leite Tukumã, 20/03/2023).

Atualmente houve modificações nas construções das casas. Hoje as casas são de alvenarias e outras feitas com madeiras compradas nas serrarias e coberturas de Eternit. Raramente encontra-se casas com modelos de antigamente. Como por exemplo as casas de palhas que foram substituídas pela casa de tabuinhas e estas pelas casas de Eternit e quase todas as casas são feitas de Eternit.

O tempo foi passando, as famílias aumentando, e alguns materiais foram ficando mais longe cada vez mais. Cada ano que passa fica mais difícil para achar as madeiras para construções. Atualmente, para retirar materiais é preciso ir bem longe.

Um dos motivos que fez com que as matérias primas ficassem longe foi porque se tirava muito a palmeira dos açazeiros para fazer os cercados das casas. E cada vez foi ficando mais difícil. E se reuniram como estava sendo derrubado muitas palmeiras do açai e resolveram não derrubar mais, se não, futuramente não ia ter mais as frutinhas do açai para fazer o suco, ou como falam “o vinho”.

Dessa palmeira o fruto é utilizado para fazer o suco que um dos alimentos mais apreciado pelo povo Apiaká. A partir do momento que viram que estavam acabando

com as palmeiras do açaí, resolveram então preservar, para que não acabassem de uma vez, e cada vez ficando mais longe para tirar as frutinhas do açaí.

E foi dessa forma que decidiram mudar o tipo de construção das casas e preservar o açaizeiro para fortalecimento da alimentação tradicional. O resultado deste trabalho consciente é a prova de que voltou tudo normal, tem muitas palmeiras e as frutinhas do açaí. Mas não utilizam mais, para fazer o cercado das casas. Somente para tirarem as frutinhas e consumir o suco.

Figura 40: as mulheres Apiaká preparando o suco do açaí. Ou conhecido como: (vinho).



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 26/06/2022.

Atualmente as casas das famílias foram substituídas por esses materiais, que são: Eternit, cascalhos, areia, tijolos, pregos e madeiras. Mas essa mudança se dá também por outros fatores, porque nas casas cercadas de barro juntavam muitos insetos, era perigoso, principalmente na época do inverno que os insetos procuram um lugar mais arejados para ficarem. Principalmente cobras e aranhas. E alguns problemas de saúde relacionados com esse tipo de habitação. Hoje nenhuma dessas casas existem na aldeia Mayrob.

As casas não são modelos tradicionais, mas ficam disponíveis para as famílias escolherem o lugar que quiserem para construírem suas casas. (TUKUMA, 2022). Fez-se necessário fazer todo esse preâmbulo dos costumes alimentares, artesanatos e artefatos porque tudo isso são reflexos de um contato sofrido e perturbado que marcaram a violência com o povo Apiaka como de inúmeros outros povos brasileiros.

No capítulo a seguir falaremos com mais detalhe o que se pretende com essa pesquisa no contexto do povo Apiaka no cotidiano da aldeia Mayrob.

4. EM BUSCA DA REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA APIAKÁ

4.1 Em busca do conhecimento da língua ancestral Apiaká

É forte o desejo de revitalizar a língua nesta comunidade Apiaka que não se comunica na língua étnica. Nas reuniões realizadas com a comunidade *Mayrob* esse assunto é uma vertente preocupante. Por quê? É preocupante porque na nossa aldeia não tem mais ninguém que fala fluentemente a língua materna Apiaká. Eu dou aula de língua materna, falando palavras e frases na língua Apiaká. Mais em casa eu ensino palavras na minha língua do meu povo Kayabi/Kawaiwete. A língua materna ancestral é ensinada somente na escola na disciplina de língua étnica.

Quando comecei a trabalhar na escola com a língua materna Apiaká, teve um aluno que me disse que não ia falar na língua Apiaka, porque os avós dele falavam com ele na língua de Munduruku. Expliquei para eles que ali na sala eles iam estudar a língua Apiaká, conforme o acordo com a realidade da comunidade. Falei também que eu não estava impedindo ninguém de falar suas línguas maternas. Mas que naquele momento eu estava ali para ensinar a língua Apiaka na aldeia Mayrob onde vivem Kayabi e Munduruku que falam suas línguas diariamente em suas casas. E as crianças dessas famílias entendem, só não são falantes.

Adaptação das crianças ao modelo escolar não acontece da noite para o dia, já que a aquisição dessas habilidades ocorre em contexto diverso daquele em que se dá a aquisição da linguagem quando a criança aprende a falar. Decorre, então, que o professor precisa entender por que as crianças falam de determinado modo, respeitando essa característica e as ajudando a entender por que falam de um jeito e não de outro. O texto destaca o quanto é preciso explicar o que a escola espera de cada criança, agora e depois; e porque o professor deve usar sempre o dialeto padrão, assim como treinar os alunos a usá-lo, sobretudo nas leituras. (CAGLIARI, 2011, p. 01).

Conforme o autor as crianças precisam adaptar-se à língua. O complicador da aldeia Mayrob é a riqueza de três línguas faladas no cotidiano, sendo a língua Munduruku, Kayaby e a língua Portuguesa. Mas a Terra Indígena é dos Apiaka que querem revitalizar sua língua. O que esperar dessas crianças no contexto da escola? É isso que elas precisam entender. Tem pessoas que falam na língua, mas não moram aqui

na região de Juara MT, e sim na divisa do Pará, lá ainda tem pessoas que falam a língua materna Apiaká.

Na ausência de falantes, estou trabalhando como sei: palavras e frases que tenho. O que está mais forte é um grupo de danças, que sempre estão apresentando em eventos e nas comemorações na comunidade. Seria bom também se os pais ajudassem a falar em casa, mas infelizmente, os pais também não sabem, aí fica mais para os professores e professoras trabalhar na escola. Como sempre ouço falar em reuniões, quando se fala da língua Apiaká não se deve responsabilizar os pais pela perda da língua. Mantiveram os costumes, suas tradições e isso vem mantendo vivo a espiritualidade de um povo. Na escola sempre faço o possível de ensinar o melhor da língua deste povo.

Meliá (1979) em sua obra “Educação Indígena e Alfabetização”, considerada pelos linguistas uma obra clássica, pois ele traz todos os condicionantes de uma língua no contexto da Língua Indígena. Ao ler a obra é possível perceber o compromisso e a complexidade de atender aos desejos do povo Apiaka em ensinar língua materna ancestral para as crianças, mesmo tendo como primeira língua a portuguesa. Meliá traz algumas condições da alfabetização.

Ele afirma que o processo da alfabetização **se inicia pelo alfabetizador** – “Se o alfabetizador for indígena, não por isso todos os problemas indicados para o alfabetizador de fora, ficam resolvidos” (MELIÁ, 1979, p. 61). A obra e o contexto do livro são antigos, mas muito real para a atualidade. Atualmente os professores são indígenas, mas seguem os padrões da educação escolar não indígena. Não se pensa no cotidiano da educação de cada povo para relacionar a alfabetização. Eu sou indígena, de outro povo, mas com maior vivência com o povo Apiaka do que com os Kayabi. Mas estou sempre compromissada com a cultura do povo Apiaka e esforçando para ensinar a língua.

Para ele **o local** é essencialmente pois a vida de um povo ocorre em um espaço interconectado com a cultura. “O local é o condicionamento de uma série de necessidades e impõe um determinado tipo de conduta e ajustamento de valores. As vezes se constitui num novo centro de vida social, um mundo paralelo” (1979, p. 62). O local de acordo com os preceitos valorosos da escolarização, essa alfabetização deve ocorrer em local especial, chamado escola e de preferência de tijolos, telhas (ainda que seja de Eternit) e piso liso com condições para ser lavado. Esse local vai de contra a maré da educação de um povo. Aprende-se em vários lugares, na casa, no terreiro, na mata, no cerrado, no rio ou córrego, enfim, aprende-se onde costumam-se viver.

O antropólogo e linguista traz questionamentos interessantes para refletirmos no contexto de uma alfabetização, que é educação escolar. A língua indígena pode conter outras expressões gráficas muito diferentes da língua portuguesa que podem enfraquecer até mesmo a criatividade que a criança traz consigo antes de conhecer a escolaridade. Mas ele afirma que essa dificuldade é do contexto escolar e não somente na alfabetização. Mas ele traz ainda outros elementos a serem considerados:

Em que é com que escrever. As condições impostas pelos materiais usados na escrita e na leitura poderiam parecer acidentais, mas o uso de papel, quadro-de-giz, lápis e canetas, cartazes, livros de alfabetização, livros de leitura: produtos todos que escapam à produção indígena, dá a todo o processo de alfabetização um caráter bem estranho e muito dependente da sociedade nacional, a única que pode fornecer os ditos materiais. [...] O alfabetizando. A educação indígena, salvo os casos relativamente excepcionais da iniciação, não é em grupo. O fato de agrupar a criança para ser alfabetizada modifica consideravelmente a perspectiva indígena. A educação indígena, mais individual, podia respeitar o ciclo de vida e o ritmo de amadurecimento psicossocial do educando (Meliá, 1979, p. 63-64).

Aqui foi agrupado dois assuntos – Em que é com que escrever e o alfabetizando. Ele chama a atenção para a produção dos materiais didáticos para o público da alfabetização. Quando se trata de materiais genéricos, como na maioria das vezes os povos indígenas são tratados, a interferência na língua de um povo é avassaladora. É necessário respeitar a educação do alfabetizando.

Compreensão do que alfabetizar.

O linguista Cagliari (2011) torna essa questão um pouco mais compreensiva:

Esse processo de aquisição da linguagem é, na verdade, altamente complexo. Os sons de uma palavra isolada não passam de sons como quaisquer outros. Para serem aceitos como sons de uma palavra real, precisam pertencer a um sistema, a uma língua. As línguas, porém, não são feitas dos sons das palavras isoladas, mas de estruturas que juntam ideias e sons, formando palavras, frases, textos etc. Uma palavra isolada só existe porque o texto foi reduzido a sua menor dimensão. Na sua maior dimensão, o texto não tem limite definido, estende-se até quando o falante quiser. Por causa dessas características das línguas, as crianças começam aprendendo mais a ouvir do que a falar, entendem mais do que falam (CAGLIARI, 2011, p. 02).

A escola que já foi tão inimiga e tão forte para matar a língua deve agora revivê-la. Mas fica a indagação: quais ações serão necessárias para buscar a revitalização da língua originária?

Além disso, nos serviremos de pesquisa para esclarecer o povo sobre a complexidade que é desenvolver um processo de ensino e aprendizagem na língua originária.

Às vezes eu escuto algumas lideranças falando que não tem mais jeito do povo Apiaká falar a sua língua originária. Mais mesmo assim eu não desisto de ensinar na escola. Eu gosto de ensinar os alunos na sala de aula língua originária. E por isso que sempre estou dando continuidade nesse trabalho fazendo a minha contribuição e ensinando na língua Apiaká, para os alunos com quem eu trabalho.

Em 1999 antes do senhor Pedrinho Kamaçuri chegar na aldeia Mayrob eu não sabia nada sobre a língua Apiaká. Como eu tinha muita dificuldade de ensinar a língua Apiaká, eu resolvi pesquisar as palavras como por exemplo: nome de aves, peixes, as partes do corpo humano, frutas, árvores frutíferas, animais, nomes de seres invertebrados, parentescos, saudações e até mesmo elaborações de frases. Atualmente eu já consigo elaborar frases. Isso para mim é muito importante chegar até onde cheguei.

Antes da chegada do senhor Pedrinho nós professores não sabíamos de nada. Através dele cada professor ficou com uma finalidade, por exemplo com cantos, danças, pinturas, histórias do povo, mitos, alguns artesanatos e em fim todos fazem parte de uma situação histórica do povo e da língua originária. Eu principalmente fiquei e trabalho com a língua originária do povo.

Atualmente a escola trabalha com tudo que está sendo citado no texto acima.

Quais caminhos trilhar para chegar no sonho das crianças crescerem falando a língua? É um pouco complicado chegar e ver uma criança falando na língua Apiaká. Mais nada é impossível trabalhar para chegar a uma conclusão.

Vale destacar, ainda, que além de conhecer a realidade sociolinguística de cada comunidade citada neste trabalho, podemos conhecer as estratégias que essas comunidades estão utilizando para manutenção, fortalecimento e revitalização de suas línguas indígenas. É um trabalho extremamente importante para nós, porque a língua materna fortalece a nossa identidade indígena. (A realidade sociolinguística da comunidade. (Cagliari, 2011, p. 04).

Os textos que são trabalhados na língua deste povo, são os cantos escritos e cantados na língua dos Apiaka. Eles são praticados durante apresentações e nas festas comemorativas da comunidade. Alguns cantos têm um pequeno resumo de suas explicações. Para cada canto tem um sentido. Para auxiliar essa questão pensamos em fazer um Caderno usando frases curtas como palavras da natureza, como nomes de

frutas e outras relacionadas. Todas devem fazer sentido para as crianças e de empolgação como são os textos musicais. A questão que fica no ar é: onde estão os textos na língua Apiaká?

Consegui o registro de texto na língua Apiaká, apenas um livro que temos em nosso acervo, mas ajudou muito, trata-se desta obra: POVO APIAKA. **Palavra Apiaká Nhandé’ eng.** Laboratorio de Linguas Indigenas IL/UnB, Brasília, 2009. Editoração Milton Goes, Luiz Jun Mochizuki.

Durante a pesquisa, procuramos, mas não encontramos outros referenciais. A princípio pensamos em trabalhar com doze cantos na língua, mas a comunidade tem uma preocupação: o que dizem esses cantos? Muitos desses cantos não temos explicações. Mas da mesma forma o grupo de dança sempre canta, para não esquecerem mais. Foi com muito sacrifício que a comunidade Apiaká conseguiu buscar um pouco de seus cantos, pinturas, artesanatos, danças e um pouco de palavras e nomes na língua materna do seu povo.

O fato é que ninguém sabe a língua para fazer a interpretação deles. De acordo com a linguista Eunice Dias de Paula (2021) é preocupante a situação linguística no Brasil e concordamos com ela, sentindo isso na prática dos nossos dias como comunidades Apiaká. “A situação das línguas indígenas, entretanto, apresenta um quadro preocupante, pois, seguramente, o aumento populacional apontado pelo Censo não corresponde à recuperação de línguas desaparecidas”. (Paula, 2021, p. 01). Isso mostra que o povo Apiaká tem sua língua ameaçada a extinção e essa constatação deixa o povo de Mayrob muito triste.

A criança aprende a falar porque convive com outras pessoas que falam e porque tem uma faculdade da linguagem, também chamada de pensamento ou de mente humana. Como as pessoas com as quais a criança convive falam, ela acaba adquirindo a linguagem oral dessas pessoas. [...] somente após certa idade, ocorre equilíbrio entre o que o falante entende e o que consegue falar (Cagliari, 2011, p. 73).

No caso da comunidade Mayrob Apiaká todos são falantes da língua portuguesa, portanto a criança Apiaká nasce usando a língua portuguesa. Mas a comunidade quer que as crianças aprendam na língua Apiaká para fortalecer a língua ancestral. Muitas barreiras encontramos para levar adiante esse projeto, mas vamos resistir. E essa resistência passa pelo desafio de produzir um Caderno que auxilie na aprendizagem da língua materna ancestral. É um material para ser usado no contexto da educação escolar.

4.2 O caderno enquanto produto educacional na prática pedagógica

O Produto Educacional foi produzido por meio de pesquisas no livro e com pessoas que sabe cantar. As músicas foram coletadas de modos diferentes, podemos fazer uma divisão assim: **a) músicas do livro Nhandé Nhe'eng que foram cinco:** 1. Cantos que falam do tucano; 2. Canto que fala de um pernilongo; 3. Canto que fala de uma anta; 4. Canto que fala da irmã com seu irmão; 5. Canto que fala da cutia. **b) meu genro Elivan Morimã, cantou na língua do povo Apiaka e eu registrei na escrita.** Ele fazia parte do grupo de dança. Foram quatro músicas: 1. Canto que fala de um esquilo; 2. Canto que fala do morcego; 3. Canto que fala da pintura; 4. Canto que fala da guerra com os Rikbatsa ou os canoieiros. Elivan Krepu Morimã que me deu essas músicas, atualmente morador da Aldeia Matrinchã da T.I. Pontal Isolado. E para a explicação das músicas eu pedi ajuda ao senhor Rainon Dacê da aldeia Pontal da T.I. pontal Isolado. Foi também trabalhado na sala de aulas com alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A parte dos desenhos foi realizada com estudantes do Ensino Fundamental II e Médio. Expliquei para eles (as) o porquê da atividade. Iniciei contando que eu estava fazendo um curso de Mestrado em que contribuiria para o ensino da língua Apiaká. O fato de não sermos falantes da língua, exigia-se a comunicação por meio do desenho, que é uma forma de comunicar o assunto. As músicas, as frases e as palavras todas na língua étnica. Para contribuir com a interpretação dos textos, fez-se necessário o uso de desenhos referentes as palavras-chave de cada texto.

Essa atividade foi realizada dentro da sala de aula nas disciplinas de língua originária e de arte. Expliquei também que, além do texto chamado de Dissertação teríamos outro produto que intitulamos de Caderno da prática pedagógica de ensino da língua Apiaká. Ele será publicado para ser trabalhado na escola com estudantes da Escola Estadual de Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká.

Produto educacional pedagógico. Foi realizado juntamente com os alunos do ensino fundamental e médio. Durante as aulas de língua materna, arte e língua portuguesa. Primeiro antes de eu passar a atividade eu expliquei qual era o objetivo da atividade³ realizada durante as aulas. No momento que terminei a explicação, todos concordaram com minha ideia e assim fomos fazer as atividades. Começando com a pesquisa dos cantos. Procurando nos livros e com pessoas que sabem cantar. E assim fomos fazendo de pouco a pouco. As correções das palavras e da escrita ficou para eu mesmo fazer a correção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero a pesquisa um ponto forte e desafiador. Primeiro tem que ler muito. Segundo é a responsabilidade sobre mim que não sou falante da língua Apiaka. Mas coube a mim o compromisso com esse povo que me assumiu no momento que mais precisei para realizar meus estudos. Povo do meu esposo. O sonho da comunidade *Mayrob* Apiaká é o ensino da língua materna ancestral no cotidiano da comunidade. E como realizar esse sonho? A comunidade depois de muito discutir só encontrou um caminho: ensinar a língua materna ancestral.

Na aldeia *Mayrob* Apiaká ninguém é falante de sua língua, mas quer que as crianças sejam praticantes de suas línguas, pois acreditam que a escola é capaz de ser parceira para assumir essa árdua tarefa.

O desafio aumenta se pensar em três povos juntos: Kayabi/Kawaiwete, Apiaká e Munduruku. Depois de muito debater em reuniões escolares com os pais e com a comunidade como um todo, ficou definido que as crianças deveriam aprender na língua Apiaká, afinal essa Terra Indígena pertence a este povo.

Assim, enquanto professora da disciplina Língua Materna, resolvi assumir esse compromisso junto à comunidade e o caminho foi esta pesquisa do Mestrado. Noites de insônia devido ao peso da responsabilidade. Já encontrei dificuldade logo no primeiro momento da pesquisa: o que trabalhar na língua? Ao ler e com dificuldade de entender esses linguistas, eles não aconselham palavras soltas como pensamos (eu e a comunidade). Mas a minha orientadora me mostrou que o caminho não era esse, pois o objetivo maior seria fortalecer a língua deste povo e para isso não poderíamos despedaçar os sentidos das histórias.

Fiquei muito tempo no silêncio. Minha orientadora pensava que eu não queria escrever, mas eu estava com dificuldade para entender os textos. Eu entendia a comunidade que só queria que as crianças fossem alfabetizadas não importa de qual maneira. Mas não é assim! A alfabetização é como a língua deve ser respeitada da escrita a espiritualidade. E foi assim que aos poucos comecei a mandar as coisas para ser orientada. A minha orientadora disse que iríamos usar a música por trazer interesse e significado para as crianças. E ao cantar elas ficariam junto com as letras, com as palavras (carregadas de sentidos) e com a história da música.

A nossa dificuldade (minha e da minha orientadora) é como usar as gravuras. Tem desenho e tem foto. Vamos usar os dois textos? Ou só os desenhos? Ou só as fotos?

Duas estradas que estamos precisando pensar mais. Se usa os dois tipos de gravuras as crianças podem perceber que elas também podem desenhar seus próprios textos e suas histórias, mas também podem comparar a foto com o desenho e achar que o desenho está feio. Na qualificação ficou decidido que, até podemos usar o desenho e a fotografia, mas separados, cada uma gravura em uma história, isto é, desenho ou fotografia.

A língua ancestral é importante porque é uma identidade do povo. Recorremos ao linguista e antropólogo Bartomeu Meliá (1978) que nos ajudou a entender a importância da língua para um povo, pois ela tem espiritualidade e tem história. Assim sendo e já lembrando o processo que nos trouxe até aqui “o maior objetivo, é compreender e construir, meios de ensinar a língua falada e escrita como possibilidades de ensinar as crianças na língua Apiaká”. Os objetivos específicos contribuíram para refletir quais ações são necessárias para alcançar o objetivo maior e esse momento a chave foi a metodologia.

Diante de tanta promessa e com medo de não dar conta disso tudo resolvemos trabalhar somente com 10 músicas e com palavras que trazem sentidos para as crianças e para o povo no processo da intenção de aprendizagem das crianças. Não envolvi estudantes das Séries finais do Ensino Fundamental conforme tinha pensado, mas demos conta de elaborar um Caderno para auxiliar no processo de ensino e aprendizado da escrita (o ensino das crianças) aliadas sempre aos seus processos próprios de aprendizados. Para isso buscamos aliados na educação escolar e principalmente na comunidade para levar adiante esse desafio. Esperamos outros aliados como a banca para nos ajudar a ir mais longe e pisar firme nesse chão de desejo da comunidade e meu também: ensinar as crianças.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. Algumas questões de linguística na alfabetização. In: **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos/ Conteúdo e didática de alfabetização**. Universidade Estadual Paulista. Universidade Virtual do Estado de São Paulo. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2; 192 p.; 28 cm., p. 72-83.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguísticas**. São Paulo: Scipione, 1989.

CRIXI, Ivanete; NASCIMENTO, Ronélia do; ZOIA, Alceu. **Reflexões sobre o Ensino da Língua Apiaká e da Língua Portuguesa na aldeia indígena Mayrob do Brasil**. (jan./jun.2022). Njinga & Sepé: Revistas Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), 2 (1): 16-34.

ANDRADE, Suseile Sousa. **Elementos do léxico e da gramática Apiaká**. (SUBRAMO VI DA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUPÍ-GUARANÍ). Orientador Ana Suely Arruda Câmara Cabral. -- Brasília, 2017. 205 p. Tese (Doutorado - Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Sustentável) -- Universidade de Brasília, 2017. See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/332970506>

AQUISIÇÃO DE LÍNGUA INDÍGENA COMO SEGUNDA LÍNGUA
Preprint · January 2018 DOI: 10.13140/RG.2.2.19124.91522
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE LETRAS DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP Contribuição para a fonologia da língua Apiaká (TupíGuarani).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUCIANO, Gersen dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

OPAN; CIMI. Índios em Mato Grosso. Org: Operação Anchieta-OPAN; Conselho indigenista Missionário – CIMI/MT 1987.

PAULA, Eunice Dias. **Bilinguismo e ensino de Línguas nas escolas indígenas**. Caderno pedagógico. UNEMAT/FAINDI. Barra do Bugres/MT.

POVO APIAKA. **Palavra Apiaká Nhandé' eng**. Laboratorio de Linguas Indigenas IL/UnB, Brasília, 2009. Editoração Milton Goes, Luiz Jun Mochizuki.

POVO APIAKÁ. **Palavras Apiaká: Nhandé Nhe'eng**. Brasília: Laboratório Linguístico da UnB, 2009.

POVO APIAKÁ. As aves como marcadores de tempo. In. PEREIRA, Lisanil C. P. e FERREIRA, Waldinéia A. A (Org). **Interculturalizando Talentos: Articulações entre linguagens, história etno cultural e educação ambiental em escolas indígenas do povo Apiaká, Kayabi/Kawayweté e Munduruku.** Terra Indígena Apiaká-Kayabi. Cuiabá, MT: Central textos: Editora UNEMAT, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas brasileiras para o conhecimento das línguas indígenas. Edições Loyola. São Paulo, 1994. F981 Fundação Universidade Federal de Rondônia. (Re) vitalizar línguas minorizadas e/ou ameaçadas: teorias, metodologias, pesquisas e experiências / organização - Patrícia Goulart Tondineli. - Porto Velho, RO: Fundação Universidade Federal de Rondônia.

CRISTINA LEITE TUKUMÃ

CANTOS APIAKÁ: DANDO VIDA À LÍNGUA NA ESCOLA



Fonte: Gleicilaine Leite Morimã, 2024

Orientadora: Maria Aparecida Rezende – UFMT/IE

2023
Barra do Bugres – MT

PREFÁCIO

Esse trabalho imprime o desejo da comunidade *Mayrob* Apiaká: fortalecer a língua materna para que seja vivenciada no cotidiano da vida das pessoas. Não há falante da língua Apiaká nesta comunidade. Como trabalhar a alfabetização das crianças se não há falantes da língua? O maior objetivo, é compreender e construir, meios de ensinar a língua falada e escrita como possibilidades de ensinar as crianças na língua Apiaká”.

O linguista e antropólogo Meliá (1979) afirma que: “o alfabetizador tem uma clara consciência de que a educação indígena, sem livros e sem escola, existe e é a história do grupo”. (MELIÁ, 1979, p. 82). Essa história é contada por meio artístico, pelas narrativas do grupo e também por meio de cantos ritualísticos. Os cantos foram escolhidos como textos para iniciar a produção de um Caderno que possa contribuir com o ensino da língua Apiaká. As crianças irão cantar, dançar, conhecer as letras, formar palavras e frases com isso conhecer todo o contexto histórico e cultural do povo Apiaka.

A música além de trazer a musicalidade, os gestos, ritmos e espiritualidade desperta nas crianças o desejo de cantar e conhecer o mundo encantado das letras para ler as palavras e o mundo, como afirmou Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1994). Para facilitar este acordar dos sentidos da língua serão usados desenhos e fotos que contextualizam a história música dos cantos. s ilustrações, de acordo com Meliá, devem ser exploradas ao máximo, pois são situações vividas “fotografias da vida real indígena e do seu meio ambiente e desenhos dos próprios índios. [...] A vantagem dos desenhos indígenas está sobretudo no fato da sua grande abstração e valor simbólico.” (MELIÁ, 1979, p. 84-85). Ele chama a atenção que a fotografia ou desenho deve evidenciar a situação do que está escrito.

O Caderno traz textos ilustrados, por desenhos e na falta deles foi usado fotos da autora Cristina Tukumã Leite. Os textos são músicas que acalantam a alma dos cantantes e dos ouvintes. Eles convidam para a pesquisa, incentivando-a, ampliar o conhecimento acerca da fauna, da flora, dos espaços geográficos e da própria história desse povo Apiaká.

Orientar este trabalho é um privilégio e um desafio. Participar da história deste povo que traz como desejo alfabetizar suas crianças é uma prerrogativa. É desafiador porque nesta comunidade não há falante, por isso mesmo fica mais difícil a alfabetização. A língua falada no cotidiano é a língua portuguesa. Não tenho vivências com o povo Apiaka e a Cristina também não fala a língua, mas conhece sua sonoridade, isso facilita o trabalho. Ela trabalha com a língua ancestral materna na escola como disciplina. Mas pelo sentido que se dá a língua de um povo, esse trabalho não vem com a responsabilidade de um material alfabetizador e sim para possibilitar de um modo prazeroso o ensino da língua Apiaka.

É como parceira da comunidade que essa orientação segue seu desafio, porque sou aprendiz do conhecimento elaborado e organizado pelos povos indígenas, aprendiz das leituras de obras de Paulo Freire, em especial Pedagogia do Oprimido (1994) em que se teoriza e desenvolve uma educação libertadora das amarras do sistema de opressão e de domínio cultural, econômico e político. Cada povo deve ser orientado pela sua educação que caminha junto a filosofia de cada etnia. É nesse contexto que elaboraremos este caderno – o desejo de que ele seja um dos elementos pedagógicos que vá construir o fortalecimento da língua do povo Apiaká. E é de um modo aprendiz e dialogante que fui orientando a elaboração deste material.

Profa. Dra. Maria Aparecida Rezende

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. CANTOS/TEXTOS PARA ENSINO DA LÍNGUA ANCESTRAL, ENRIQUECIMENTO DA CULTURA E FORTALECIMENTO DA LÍNGUA E ESPIRITUALIDADE DO POVO APIAKA	7
3. VAMOS DAR VIDA À LÍNGUA APIAKÁ	8
3.1 O CANTO DO TUKÃNA	9
3.2 O CANTO DO NASIÚN	11
3.3 O CANTO DA TAPI' IRA	13
3.4 O CANTO DO SIRARU	15
3.5 O CANTO DA SIRÊDERA	16
3.6 O CANTO DO ANDYRA	17
3.7 O CANTO DA SIKU' A	18
3.8 O CANTO DA AKUXI	19
3.9 O CANTO DO TAPY' YJA	20
REFERÊNCIAS	22

1. APRESENTAÇÃO

Este caderno foi produzido com base nos estudos realizados durante a pesquisa que desenvolvi no Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural. Espera-se com ele realizar momentos de alegria por meio do cantar as músicas, bem como já ir familiarizando com a sonoridade da língua e conhecer os diversos animais que a música apresenta do cotidiano Apiaka.

Esse material tem objetivo definido que é contribuir com a realização das atividades didático pedagógica no cotidiano da Escola, em especial para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Mas além do espaço escolar, nos demais espaços sociais de circulação na comunidade, podendo estar aptos para a interação em diferentes contextos e ambientes.

Assim sendo como objetivos específicos apontamos como principais:

- trabalhar a arte por meio dos desenhos das crianças no contexto da música cantada;
- escutar a sonoridade das palavras na língua Apiaká;
- desenvolver o mecanismo da escrita das letras considerando o sentido do texto como um todo.

Em fase de experimentação, o trabalho será acompanhado pela professora da língua vernácula, avaliadora em foco, mas também por meio de reuniões de professores e professoras Apiaka que podem avaliar se o trabalho tem eficácia ou não. Os pais serão informados do material que será apresentado em assembleia e poderão acompanhar o processo do trabalho de ensino da língua por meio da música.

Os materiais didáticos, bem como as interações no espaço escolar, necessitam abranger diversas situação sociocomunicativas, para que os estudantes reconheçam e assimilem o que está sendo aprendido em sala de aula com o que eles estão vivenciando fora do ambiente escolar. Esse processo de via dupla pode propiciar ainda momentos para debates sobre cultura e interculturalidade, fazendo com que eles possam analisar suas próprias línguas-culturas e reconhecer as diferenças de uma mesma língua-

cultura.

A música para nós significa alegria, conexão, espiritualidade. A nossa maneira de aprender a música na aldeia é ouvindo, é a repetição até acertar. Na minha cultura a música tem classificação. Tem música que é cantada a tarde, de manhã, de madrugada. Eu não sou afinada. Não importa a afinação. O mais importante é você sentir bem, revitalizada com a energia. O importante é você ser feliz. (Kapai Kalapalo).

Para saber mais vamos usar o Youtube clicando no link abaixo.

[\(15\) VAMOS FALAR DE MÚSICA INDÍGENA? - YouTube](#) acesso dia 04/05/2023)

De acordo com a revisão da banca externa professora Agueda Aparecida da Cruz Borges (2023) “A música transcende a letra, a palavra é melodia, combinação de sons e silêncios [...] O canto é o conjunto das atividades, envolve o poema, a letra, a significação e também a toada”. (Borges, 2023). Estamos de acordo com a profundidade que tem essa interpretação, pois os cantos são histórias, revelam a vida em seu cotidiano. Assim sendo, traz o significado para os estudantes compreenderem os sentidos das palavras e interpretar um mundo da sua vivência.

Cristina Leite Tukumã

**2. CANTOS/TEXTOS PARA ENSINO DA LÍNGUA ANCESTRAL,
ENRIQUECIMENTO DA CULTURA E FORTALECIMENTO DA LÍNGUA
E ESPIRITUALIDADE DO POVO APIAKA**



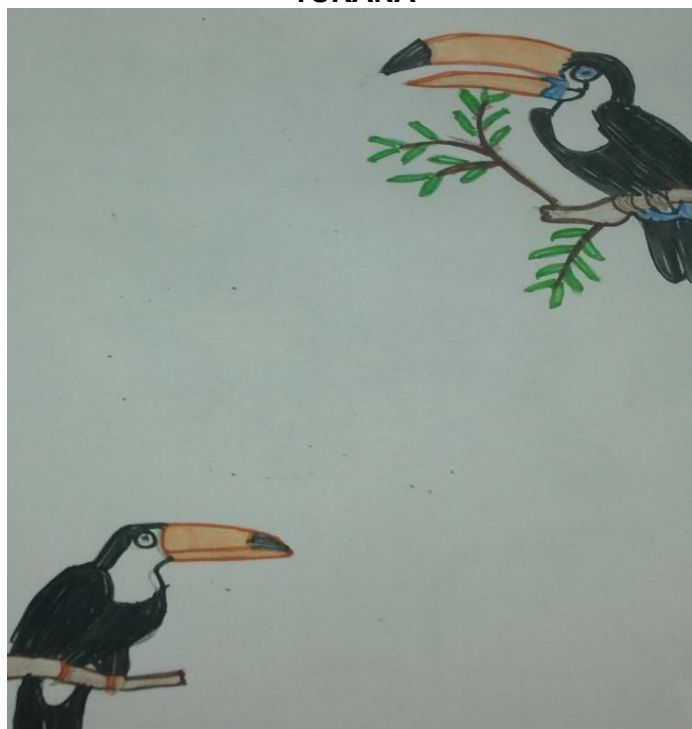
Fonte: Cristina Leite Tukumã, 2023

3. VAMOS DAR VIDA À LÍNGUA APIAKÁ

Nesses cantos trago a alma da língua Apiaká. Neles vem os sentidos da vida dos animais, o convite para a pesquisa sobre eles, o saber mais deles em seu habitat, bem como incentiva o aprendizado das letras, das palavras, das frases e tudo isso em um completo texto sobre cada animal referido. Além do mais, o ensino torna-se prazeroso e não obriga que seja realizado em um espaço escolar. A cada animal citado e cantado é um despertar e um chamado para realizar a aula fazendo um passeio com os estudantes e observar onde eles vivem, como vivem e a pesquisa acerca de sua reprodução. Esses cantos além de ser um alento à alma de cada pessoa que canta aponta caminhos de conhecer a fauna, a flora, os espaços geográficos e a história de cada animal em conversas com as pessoas mais idosas da comunidade. É assim que se espera o uso desse material cheio de alegria, cor e amor. Vamos conhecê-lo? Em cada texto há um pequeno diálogo, mas as possibilidades de ensino e aprendizado são muitos de acordo com o interesse e necessidade pedagógica de cada docente.

O CANTO DO TUKÃNA

TUKÃNA



Fonte: Desenho de Diogo Sabanes Morimã, 2023

Dialogando com as crianças

Quem já viu um Tucano? Como é ele? Sabe imitar seu canto? O que ele come? Quais são as suas cores? O que diz a música? Vamos cantá-la mais uma vez? Quais letras tem na música? Você conhece alguma letra? O nome desse pássaro é: TUKÃNA. Vamos ler essa palavra? TUKÃNA – TU-KÃ-NA

a) Escrever a letra da música:

Tuka, tukãna, tukãna ngate õi 2x.

Mametá berêni, awté berêni TTuka, tukãna, tukãna ngate õi

Tuka, tukãna, tukãna ngate òi 3x.
Mametá berêni, awté bereni
Tuka, tukana, tukana ngate òi.

- b) Vamos repetir a palavra com o nome do pássaro?
TUKÃNA – TUKÃNA – TUKÃNA TUKÃNA TUKÃNA TU- KÃ-NA
Ler o texto de várias maneiras
Conversar sobre a letra e o significado relacionando com a figura

- c) Vamos cantar essa música que o tucano canta e chama a atenção da fêmea

Tuka, tukãna, tukãna ngate òi 2x.
Mametá berêni, awté berêni
Tuka, tukãna, tukãna ngate òi
Tuka, tukãna, tukãna ngate òi 3x.
Mametá berêni, awté bereni
Tuka, tukana, tukana ngate òi. A música tem várias letras, vamos aprendê-las?

A, Ã, E, Ê, É, I, Õ, U.

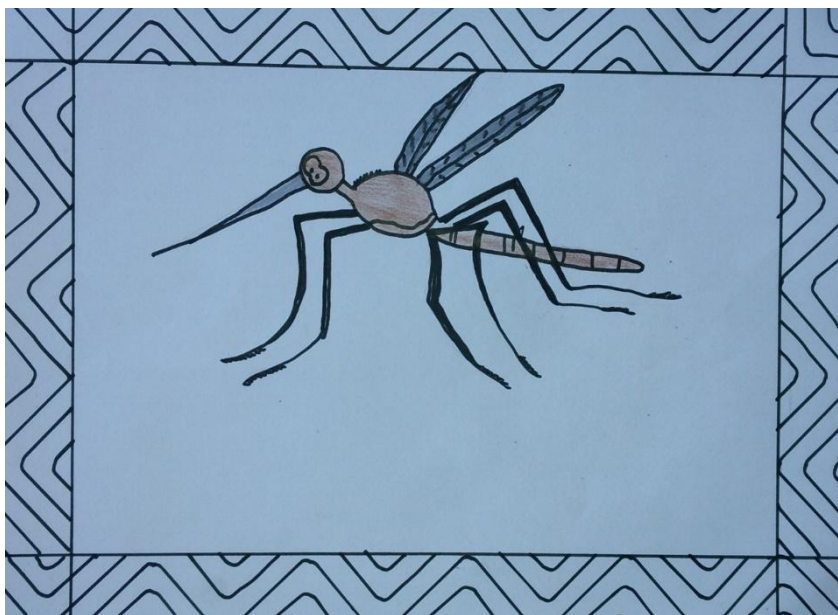
B, G, K, L, M, N, R, T, W.

Vamos cantar novamente?

Tuka, tukãna, tukãna ngate òi 2x.
Mametá berêni, awté berêni
Tuka, tukãna, tukãna ngate òi
Tuka, tukãna, tukãna ngate òi 3x.
Mametá berêni, awté bereni
Tuka, tukana, tukana ngate òi.

O CANTO DO NASIÚN

NASIÚN



Fonte: Cristina Leite Tukumã

Dialogando com as crianças

O NASIÚN é um inseto. Na sua casa tem esse inseto? O que você faz com ele? O que é um inseto? Quem já viu um NASIÚN? Como é ele? Sabe imitar seu canto? O que ele come? Quais são as suas cores? O que diz a música? Vamos cantá-la mais uma vez? Quais letras tem na música? Você conhece alguma letra? O nome desse inseto é: NASI'UM. Vamos ler essa palavra? NASIÚ – NA-SI-ÚN

- a) Escrever a letra da música
- b) Ler o texto de várias maneiras
- c) Conversar sobre a letra e o significado relacionando com a figura
- d) Vamos cantar a música do **NASIÚN**?

NASIÚN

Nasin de kutuka de kutuka iraé 2x

É wen, é wen tajwira é

Nasiún de kutuka de kutuka iraé

É wen, é wen tajwira é

Nasiún de kutuka de kutuka iraé

É wen, é wen tajwira é

Nasiún de kutuka de kutuka iraé

É wen, é wen tajwira é

Nasiún de kutuka de kutuka iraé

É wen, é wen tajwira é.

Vamos repetir a palavra?

NASIÚN NASIÚN NASIÚN NASIÚN NASIÚN NA-SI-ÚN

e) Temos várias letras, vamos ler e escrevê-las?

A, E, É, I, U.

B, J, K, N, R, S, T, W.

e) Vamos desenhar o NASIÚN?

g) Você gosta dele? De que ele se alimenta? Vamos falar sobre as partes que tem o seu corpo?

h) Vamos cantar a música?

NASIÚN de Kutuka 2x

É wen, é wen Tajwira

É NASIÚN de Kutuka de Kutuka

Iraé, É wen, é wen Tajwira é

NASIÚN de kutuka de kutuka

iraé é wen, é wen Tajwira é

NASIÚN de kutuka de kutuka

Iraé, é wen, é wen Tajwira é

NASIÚN de 2x

Kutuka 2x

É wen, é wen Tajwira
É NASIÚN de Kutuka de Kutuka
Iraé, É wen, é wen Tajwira é
NASIÚN de kutuka de kutuka

O CANTO DA TAPI' IRA

TAPI' IRA



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 2023.

Dialogando com as crianças

Quem conhece esse animal? O que ela come? As pessoas que você conhece gostam dela? Onde ela vive? Vamos cantar? A música fala da anta procurando frutinhas no lago. Ouça a música e faça o desenho da TAPI' IRA e o lugar onde ela vive. Vamos cantar?

a) Escrever a letra do canto

TAPI' IRA

Iwyrisirandá wyripe tapi' ira ga akówo
' ywa wyripé inharã besukawô, inharã besukawô
mameta beani pe beami, inhará bererowa
Aré i gó peripiaka

Narra putare si narra putare si pikaw
lkawete també te si nakwarawi tykawy 'iraé
Arrani wete si, arrani wete si pikawô.

b) Vamos ler as letras que estão na música?

A E É I O Ó U B G H K M N P R S T W Y

c) Vamos desenhar a TAPI' IRA?

d) Você gosta desse animal? Do que ele se alimenta? Onde ele é encontrado?
Vamos falar sobre as partes que tem o seu corpo?

O CANTO DO SIRARU

SIRARU



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 2023.

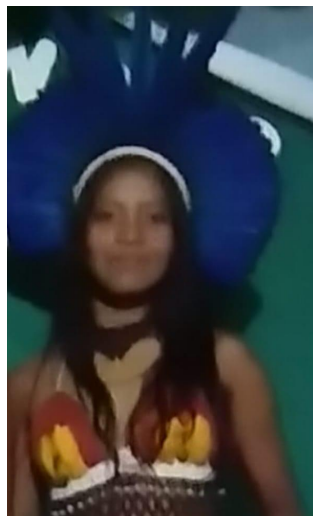
Dialogando com as crianças

Quem já viu um SIRARU? Como é ele? Sabe imitar seu jeito de roer? O que ele come? Quais são as suas cores? O que diz a música? Vamos cantá-la mais uma vez? Quais letras tem na música? Você conhece alguma letra? O nome desse animal é SIRARU

- a) Vamos ler essa palavra? SIRARU – SI-RA-RU
- b) Escrever a letra e cantá-la

Tukumã na pira, SIRARU.
Tukumã na pira siraru, siraru.
Inatawa pira siraru, siraru.
Inatawa pira si raru, siraru.
Tukumã na pira SIRARU, siraru.

CANTO DA SIRÊDERA



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 2023.

3.1 O CANTO DA SIRÊDERA

Dialogando com as crianças

O canto que fala da proibição do casamento. O irmão não deixava a irmã dele se casar. Será por quê?

- a) Você sabe a história do casamento do povo Apiaka? Pergunte aos seus pais quando eles se casaram e como foi que aconteceu. Quantos irmãos ou irmãs você tem?
- b) Escrever a letra do canto

SIRÊDERA

Sirêdera dehê derekoi.
Sirêdera dehê derekoi.
Si na putarim be.
Si na putarim be.
Na piri kwi na puta tãbe.
Na piri kwi na puta tãbe.
Vamos cantar a música?

- c) Faça o desenho das pessoas que fazem parte da história. Pinte e deixe ainda mais linda essa história com sua arte.

O CANTO DO ANDYRA

ANDYRA



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 2023

Dialogando com as crianças

a) Você já viu um ANDYRA? Ele mama ou bota ovos?
Onde eles vivem? O que comem? O que fazem?

b) Em seu nome tem as letras dessa música?

c) Escrever o canto e vamos cantá-lo

ANDYRA

Tukumã'i' riri, tukumã'i' riri.

Misisikwi, misisikwi

apykoi, apykoi.

Tukumã'i' riri, tukumã'i' riri

Misisikwi, misisikwi

apykoi, apykoi.

O CANTO DA SIKU' A

SIKU'
A



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 2023

Dialogando com as crianças

a) O que você vê na foto? Ela fala de que? Você conhece essa pintura? Quem faz a pintura feminina? Quem da sua família sabe pintar o corpo? Quais as cores aparecem na pintura? Você sabia que essa pintura é extraída de uma fruta? Qual é o nome dessa fruta?

b) Escrever o canto da SIKU' A

c) Vamos cantar esse canto da SIKU' A?

SIKU' A

Siku' a, siku' a siku' a te si.

Siku' a, siku' a siku' a te si.

Iwara, iwara, iwara te si.

Iwara, iwara, iwara tê de.

d) Tem letra do seu nome nessa música? Você sabe cantá-la? Veja a quantidade de palavras. Vamos ver como se pronuncia?

O CANTO DA AKUXI

AKUXI



Fonte: Cristina Leite Tukumã, 2023.

Dialogando com as crianças

a) Você conhece esse animal AKUXI? Quais são suas cores? Ele é um animal mamífero? O que ele come? Ele come ou roi?

b) Escrever a música.

c) Vamos cantar a música? Quem sabe cantá-la?

AKUXI

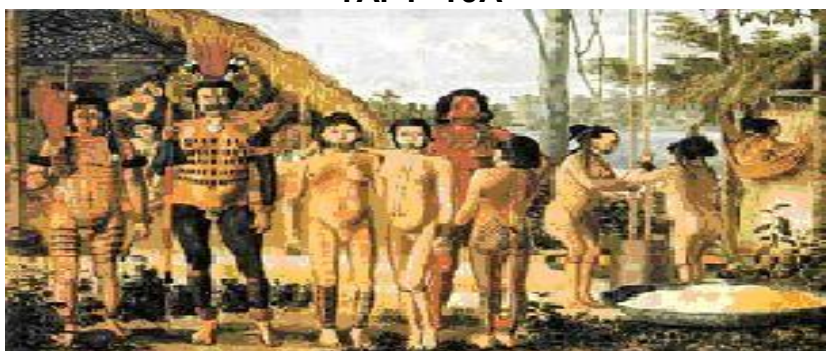
Akuxi, akuxi akuxi amenesi
Taija meseo, tapeko ipeso
Akuxi, akuxi akuxi amenesi
Taija meseo, tapeko ipeso

d) Veja a quantidade de letras. Quais você já conhece? Escreva-as em seu caderno.

e) Vamos pronunciar devagar as palavras?

O CANTO DO TAPY' YJA

TAPY' YJA



Fonte: 0000008413.jpg (328x257) (mec.gov.br)

Dialogando com as crianças:

- a) Vamos cantar essa música que nos conta quando os Apiaká queriam guerrear com os canoeiros.
- b) Pergunte às pessoas mais velhas da comunidade se eles conhecem essa música, essa história. Ouça com atenção e depois conte para seus colegas o que você ouviu em casa

TAPY' YJA

Paturi, turi, turi.

Paturi, turi, turi.

Tamasukai nenu kwe aí te tapy' yja masukai kaiunu kwe.

- c) Procure na música onde está a palavra TAPY' YJA. Circule-a e copie no caderno.
- d) Faça o desenho das pessoas que fazem parte da história.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. Algumas questões de linguística na alfabetização. In: **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos/ Conteúdo e didática de alfabetização**. Universidade Estadual Paulista. Universidade Virtual do Estado de São Paulo. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2; 192 p.; 28 cm., p. 72-83.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguísticas**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

PAULA, Eunice Dias. **Bilinguismo e ensino de Línguas nas escolas indígenas**. Caderno pedagógico. UNEMAT/FAINDI. Barra do Bugres/MT.

POVO APIAKÁ. **Palavras Apiaká: Nhandé Nhe'eng**. Brasília: Laboratório Linguístico da UnB, 2009.